



Departamento de Sociologia

**OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DO INSUCESSO ESCOLAR: O PONTO DE
VISTA DOS ALUNOS**

Berta Cruz dos Santos Guerra Belo

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Educação e Sociedade

Orientador:

Professora Doutora Teresa Seabra

Outubro de 2010

Resumo

A presente investigação visa reflectir sobre o insucesso escolar, na perspectiva dos alunos. Foram recolhidos relatos desta vivência por parte de alguns alunos com insucesso escolar, de modo a elaborar um quadro compreensivo desta problemática. Recorreu-se a entrevistas semi-estruturadas a onze alunos, que tivessem na sua vida escolar experiência de insucesso, verificando-se diferenças entre o número de reprovações e os cursos que frequentam.

Este estudo veio revelar que os alunos com experiência de insucesso escolar atribuem, em especial, a si próprios a responsabilidade pelo seu fracasso. Para além deste denominador comum, foi possível detectar particularidades de acordo com o maior ou menor número de reprovações, o que permitiu identificar dois modos diferenciados de vivenciar a sua situação de insucesso escolar : "viver com esperança" e "viver com arrependimento".

Palavras - chave: insucesso escolar, alunos, escola, professor.

Abstract

The goal of this investigation is to find a little bit more about the poor school performance, on the point of view of students themselves. I picked-up some reports of these experiences, taken from several pupils living school failures, to get a comparative notice-board on this matter. I've got some semi structured appointments from eleven pupils, having school failures on their school lives. The number of failures is not the same, such as the courses in which the pupils are now.

This study shows, first of all, that the pupils experiencing school failure, lay to themselves a special responsibility for their failures. Beyond this common denominator, it was possible to detect peculiarities according to the number of the failures, what allowed to identify two different ways to live their situation of school failure: "live with hope" and "live with regret".

Key words: school failure, pupils, school, teacher.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
------------------------	----------

CAPÍTULO I

INSUCESSO ESCOLAR E TESES EXPLICATIVAS

1.1 A noção de insucesso escolar.....	2
1.2. Teses explicativas.....	4
1.2.1. Tese dos "dotes naturais".....	4
1.2.2. Tese do "handicap" sócio-cultural.....	5
1.2.3. Tese sócio-institucional.....	7

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1. Modelo de análise.....	10
2.2. Fundamentação das opções metodológicas.....	11

CAPÍTULO III

RESULTADOS: AS VIVÊNCIAS DOS ALUNOS

3.1. Contexto escolar.....	16
3.2. Vivências do insucesso.....	17
3.2.1. Perspectivas comuns.....	17
3.2.2. Divergências.....	23
3.2.2.1 <i>Viver com esperança</i>	23
3.2.2.2 <i>Viver com arrependimento</i>	25

CONCLUSÃO.....	28
-----------------------	-----------

Bibliografia	30
---------------------------	-----------

Anexo 1.	32
----------------------	-----------

Anexo 2 Guião de entrevista.....	33
---	-----------

Anexo 3 Transcrição das entrevistas.....	35
---	-----------

Índice dos quadros

Quadro 1 - Dimensionamento dos conceitos.....	10
Quadro 2 - Perfil dos alunos entrevistados	14
Quadro 3 - Evolução do Sucesso Escolar (1999-2008), por ciclo de escolaridade.....	17

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Teresa Seabra, minha orientadora Científica neste Mestrado, pelo seu apoio, disponibilidade e constante encorajamento ao longo de todo o trabalho.

Ao Conselho Executivo da escola onde foi realizado o estudo, aos professores que colaboraram no estudo e a todos os alunos que nele participaram, por terem confidenciado comigo momentos da sua vida, menos agradáveis. Muito obrigada.

A todos os colegas e amigas que sempre me apoiaram e incentivaram na realização deste trabalho.

Ao José António, que sempre me incentivou, apoiou e ajudou na execução deste trabalho, e com quem partilhei muitas das minhas ansiedades e angústias. Um beijo especial.

Ao Pedro Dinis e à Catarina Filipa, a quem dedico este trabalho, por me fazerem uma mãe feliz e orgulhosa.

INTRODUÇÃO

O fenómeno do insucesso escolar surgiu após a implementação da Escola massificada e da escolaridade obrigatória. Enquanto a lógica de selecção persistiu, característica do sistema de ensino destinado à educação de elites, o insucesso escolar não foi entendido como um problema, mas antes como uma situação algo normal. Só mais tarde, quando se passou a considerar o alargamento da escolaridade básica e a massificação da Escola como uma prioridade é que o problema do insucesso escolar começou a ser equacionado por políticos e investigadores. O que levou, em 24 e 25 de Junho de 1992, à realização da Reunião de Altos Funcionários da Educação da Comunidade Europeia, em Bruxelas, sob a presidência portuguesa, e que teve por tema os problemas do insucesso e do abandono escolar nos Estados membros e foi proposta a criação de um Observatório do Sucesso Escolar.

Actualmente, todos ambicionamos ter sucesso escolar. A qualificação académica, as credenciais, nos dias de hoje, é vital para a carreira profissional, para obter melhores e maior número de oportunidades e de conseguir uma integração social satisfatória.

Enquanto docente, desejo o sucesso escolar dos alunos. No entanto, no final de cada ano deparo com o insucesso escolar de alguns alunos. É desta circunstância que nasce o desejo de reflectir sobre a temática do insucesso escolar, indo ao terreno recolher relatos dos alunos alvo do insucesso escolar, de modo a compreender mais amplamente a situação vivida pelos mesmos.

Este trabalho estrutura-se em três capítulos. No primeiro, partindo de estudos, faz-se uma abordagem acerca das várias teses existentes que tentam explicar o insucesso escolar. No segundo, explicitam-se os procedimentos metodológicos adoptados. No 3º apresentam-se os dados obtidos através das categorias seleccionadas para a elaboração das entrevistas e faz-se a análise do conteúdo das entrevistas realizadas a alunos com diferentes percursos e com maior ou menor número de reprovações.

. Na conclusão do trabalho, apresento as conclusões resultantes da análise e interpretação dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 1 - INSUCESSO ESCOLAR E TESES EXPLICATIVAS

1.1. A noção de insucesso escolar

O insucesso escolar¹ nem sempre foi reconhecido como uma problemática. Para Isambert-Jamati (1985), é necessário contextualizar e é nos seus escritos pedagógicos que surge a análise do aparecimento da noção de insucesso escolar.

Antes dos anos de 1940, o termo não é usado pois é normal que grande parte das crianças abandonem a Escola para ingressarem no mundo do trabalho. Por volta dos anos 40, a percepção do insucesso escolar começa por estar ligada a factos específicos de origem afectiva ou psico-patológica.

É no período de 1945-1955 (Eric Plaisance, 2003), que as primeiras referências surgem, a respeito de crianças ou de adolescentes dos quais se espera bom êxito. O insucesso é considerado sinal de exigência e é visto como marca de qualidade de um sistema de ensino, de uma escola ou mesmo de um professor. A culpa desta problemática é atribuída ao foro individual “ (...) quem reprova é o culpado, pois não se esforçou” (Husén, s. d.).

Ao longo dos anos de 1960, assiste-se ao “boom” da Educação e o uso da expressão “insucesso escolar” generaliza-se e adquire uma dimensão social explícita. Considera-se que o progresso económico só é possível com o aumento da escolarização, daí a educação passar a ter um papel primordial na concepção de base do desenvolvimento económico de cada país “optimização da gestão do potencial de aptidões para cada nação, desejosa de revelar-se competitiva sobre o mercado internacional” (Van Hacht, 1994, p. 15).

Surge a necessidade de rentabilizar os talentos, alargar os quadros científicos e técnicos, o que faz com que a Escola se torne pública, obrigatória, e que se alargue às camadas populacionais habitualmente afastadas da Escola, “cria-se a ilusão de transformar a sociedade a partir da Escola” (Duarte, 2000, p. 29) e surge a “Escola de massas” e com ela a problemática, noção e expressão: Insucesso Escolar. Se inicialmente era perspectivado como um facto pedagógico sem reais consequências

¹ Etimologicamente, a palavra insucesso deriva do latim *insucessu(m)*, que significa: “malogro; mau êxito; falta do sucesso que se desejava” – R. Fontinha, Novo Dicionário Etimológico. Ou ainda: “mau resultado; mau êxito; falta de êxito; desastre; fracasso” – Costa e Melo, Dicionário da Língua Portuguesa..

sociais este revela-se “como um problema sócio institucional de grande acuidade” (Vitor Sil, 2004, p. 16) ,sendo considerado por Benavente e Correia como “central e constante, [...] com premissas e consequências diversas nos vários graus de ensino” (1981, p.8). A culpa do insucesso escolar passou a ser assumida como um fracasso de toda a comunidade escolar e foi então que se começou a exigir que as escolas encontrassem formas de garantir o sucesso escolar de todos os seus alunos. Vários estudos surgem. Os de análise macro-sociológica que, utilizando métodos estatísticos, vieram evidenciar, com tónicas diversas, a importância das desigualdades de acesso à Educação entre os grupos sociais. O Relatório Coleman (1966) nos EUA, com os trabalhos subsequentes de Ch. Yencks (1972); os Relatórios Newson (1963) e Plowden (1967) em Inglaterra e o inquérito do INED, conduzido por A. Girard H. Bastide (1963) em França, estudos empíricos que evidenciaram a insuficiência das medidas tomadas na consecução da igualdade de oportunidades.

Constata-se que a democratização da Educação não é suficiente para se obter o sucesso. Não basta abrir escolas, importa assegurar que todos tenham iguais condições de acesso e de sucesso. “A igualdade de oportunidades não se pode limitar à igualdade de acesso. Há que considerar ainda a igualdade de sucesso” (Alves Pinto, 1995). Ao conceito de igualdade de oportunidades introduziu-se uma nova acepção dos efeitos da escolarização: o acesso aos resultados (Coleman, 1975).

Segundo Forquin (1995) inicia-se como que uma “desconstrução” da problemática ingénua da igualdade de oportunidades para explicar as causas das desigualdades dos resultados escolares e das motivações educacionais de acordo com os grupos sociais. São trabalhos importantes os de T. Húsen (1972), de P. Bourdieu e J. Cl. Passeron (1970), de R. Boudon (1973), de B. Bernstein (1975) e de G. Bowles e H. Gintis (1976), que inicialmente centrados na questão das desigualdades de acesso à Escola se vão deslocando para as desigualdades de sucesso.

Várias interpretações surgem, que visam explicar os mecanismos geradores das desigualdades de sucesso: a tese dos “dotes naturais”, a tese do "handicap" sócio-cultural e a tese sócio-institucional.

1.2. Teses explicativas

1.2.1 Tese dos "Dotes Naturais"

A tese dos "dotes naturais" foi uma das primeiras a tentar justificar o sucesso e/ou insucesso escolar. Os adeptos desta tese partem do princípio de que o indivíduo, ao nascer, já é portador de determinados "dons" que o tornam mais ou menos apto para a aprendizagem. A inteligência que está inscrita nos genes do indivíduo é como uma característica individual, constante e que é adquirida no processo de transmissão genética e que se representa pelo quociente intelectual do indivíduo.

A responsabilização do sucesso/insucesso é atribuída ao aluno (Navarro, 1988) e a desigualdade entre os seres humanos é um dado adquirido, daí a defesa da pedagogia selectiva. O que significa a negação de toda e qualquer política de igualdade de oportunidades e de remediação do insucesso. A "crença de que o sucesso escolar é um facto natural ligado aos dons individuais, foi durante muito tempo uma constante. Nesta perspectiva, o insucesso escolar é interpretado (...) à luz de uma componente: o indivíduo. Tudo se reduz a deficiências traduzidas por termos como «não-dotados», «sem disposições naturais», «QI baixo»" (Cortesão & Torres, 1990, p. 51). É elaborada pelos cientistas a "escala métrica" para distinguir os "dotados para aprender" dos "não-dotados" e com ela inicia-se a formação de classes especiais para os alunos "não-dotados".

Gall (1978) defende que os alunos não são todos iguais no que respeita às aptidões, razão pela qual não se deve atribuir todos os insucessos a causas externas, de origem social, económica ou familiar, pois é com alguma frequência que se detecta que existem determinados déficits cognitivos, que constituem uma das origens do insucesso.

Surgem várias críticas à teoria dos dotes naturais, pondo em causa a existência do fatalismo biológico. Benavente & Correia (1981) referem que o insucesso escolar, com as características que o constituem (massivo, socialmente selectivo, precoce e cumulativo) não pode ser compreendido em termos de características individuais. Embora esta tese tenha perdido o seu crédito junto da comunidade científica, é ainda válida para justificar o sucesso/insucesso dos alunos, na perspectiva de os "maus

alunos" atribuírem a si próprios a responsabilidade pelo seu insucesso, mesmo quando referem que a Escola não lhes proporcionou as melhores condições (Cunha, 1997).

Trabalhos realizados pela psicologia genética sobre a influência do meio e da experiência no desenvolvimento cognitivo, e por sociólogos sobre o carácter massivo e socialmente selectivo do insucesso, nos anos sessenta revelaram que existe uma relação entre o insucesso escolar, classe social, natureza e funções da Escola, o que levou a concluir que o insucesso escolar não deverá ser explicado somente em termos individuais.

1.2.2. Tese do "handicap" Sócio-Cultural

A tese do “handicap” sócio-cultural colide com a tese dos “dotes naturais” para o sucesso educativo, na medida em que atribui à família (origem sócio-cultural) a principal responsabilidade pelo insucesso do aluno. “Esta teoria é ainda muito utilizada para explicar os casos de insucesso relacionados com jovens migrantes ou portadores de uma cultura dupla” (Isabel Mata, 2000, p. 9). Foi nos finais dos anos de 1960, início dos anos de 1970, que se desenvolveu a tese do "handicap" sócio-cultural que se baseia em explicações de natureza sociológica e que aponta como causa do insucesso escolar não só as capacidades do indivíduo mas, também, a sua origem social. (Benavente, 1991).

O insucesso escolar passa a ser explicado perante a origem social do aluno e à disposição de maior ou menor referências culturais, que o indivíduo tem, à entrada para a escola. Daí, se entender/concluir que as crianças provenientes de meios desfavorecidos face aos seus contextos familiares e sociais não dispõem das referências culturais necessárias à progressão escolar. "O sucesso/insucesso dos alunos é explicado pela sua pertença social, pela maior ou menor bagagem cultural de que dispõem à entrada na Escola" (Benavente, 1991, p. 54).

Vários trabalhos de investigação em Sociologia da Educação em Inglaterra, EUA e França, são realizados com o intuito de se saber e compreender as causas do insucesso escolar e as desigualdades de oportunidades. Destes estudos há a destacar os Relatórios Coleman (1966) nos Estados Unidos da América, e Plowden (1967), que concluem que a herança cultural é mais discriminatória e mais decisiva do que as razões económicas,

em termos do sucesso escolar. Estes mesmos trabalhos referem que as crianças que não são suficientemente estimuladas, ao iniciarem a escolaridade apresentam um défice de desenvolvimento, que é necessário para atingir o sucesso. O que justifica as causas que ditam as altas percentagens de insucesso entre as camadas sociais mais desfavorecidas e a rejeitar a ideia de que o maior sucesso ou insucesso se fica a dever aos dotes individuais de cada um, relacionando os méritos dos alunos com a origem social. Sociólogos, como Parsons, propõem que as políticas educativas compensem as diferenças entre alunos de meios sócio-culturais desfavorecidos (Sebastião, 2006).

Navarro refere que “a Escola valoriza a cultura erudita e desvaloriza todos os outros tipos de cultura, idealizando um aluno-padrão (...) que serve de referência à organização de todo o Sistema Educativo” (1988, p. 19). O que significa que a Escola gera estereótipos o que prejudica os alunos provenientes de meios culturais diferentes do padronizado pois são rotulados de menos aptos e de incapazes e têm que desenvolver um enorme esforço para se adaptarem à Escola.

Perante a falta de sucesso devido à origem sócio-cultural, várias políticas educativas surgem, tendo por finalidade a implementação de inúmeros projectos que elaborem actividades de compensação que visem remediar as "deficiências" que o aluno traz. É o caso do Programa "Head Start", nos Estados Unidos nos anos de 1960 e no Reino Unido e em França, com o estabelecimento das zonas de educação prioritária².

Em Portugal, face às dificuldades decorrentes da existência de diferentes “grupos culturais”, foram criados em 1996 os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIPs), que visam proporcionar a todos a igualdade de resultados de forma a garantir que os alunos de todos os grupos sociais, independentemente das suas condições de partida, tenham a mesma hipótese de ter sucesso escolar.

Face a esta política, de discriminação positiva no contexto escolar, na Grã-Bretanha e na França, os balanços efectuados revelam que foi positiva, na medida em que melhorou o ambiente escolar (F. Dubet, 2004). Segundo Van Zanten, “esta política produziu frutos na medida em que impediu a degradação dos resultados escolares das crianças ou a escalada de violência nos estabelecimentos situados nos bairros difíceis” (1996, p. 286). Outros autores consideram que os programas de educação compensatória foram muito importantes por serem pioneiros na intenção de mudar uma realidade e de através da sua análise se poder retirar importantes conclusões sobre a

² Em 1968 a Grã-Bretanha cria as Áreas de Educação Prioritária e, em 1981, a França cria também as Zonas de Educação Prioritária (ZEP) (Seabra, 2008).

psicologia de intervenção educativa. O que também "levou muitos autores a procurar nas teorias gerais do desenvolvimento, como a de Piaget, os caracteres gerais das circunstâncias que favorecem o desenvolvimento intelectual e rever a situação dos «desfavorecidos» em relação a tais circunstâncias" (Benavente & Correia, 1981, p. 15). Para estes autores, a tese do "handicap" sócio-cultural, não questiona o insucesso escolar como o resultado de uma relação negativa entre a Escola e os alunos de meios sociais desfavorecidos.

À Sociologia da Educação coube analisar o problema do insucesso escolar sob uma nova perspectiva.

1.2.3 Tese Sócio-Institucional

A partir de 1970, uma nova tese tenta explicar o insucesso escolar, porque os esforços desenvolvidos e as políticas educativas, anteriormente seguidas na tese do "handicap" sócio-cultural, mantinham as desigualdades sociais e mostraram-se incapazes de promover o sucesso escolar. Surge a tese sócio-institucional.

Segundo esta nova tese, o insucesso escolar é atribuído a causas de âmbito institucional, à Escola e aos mecanismos que operam no seu interior, funcionamento, organização e, ainda, à relação que se estabelece entre Escola e os alunos. O insucesso escolar passa a ser um fenómeno relacional "que envolve factores de natureza política, cultural, institucional, sociopedagógica e psicopedagógica; tem a ver com as relações que a escola estabelece com os alunos que vêm de meios mais afastados dos saberes letrados, tem a ver com as dificuldades que a escola tem em se relacionar com os alunos social e culturalmente diversos" (Benavente, 1981, p. 24). O que significa que é necessário que a Escola se adapte às necessidades da heterogeneidade da população que a frequenta.

À Sociologia da Educação coube, então, repensar o papel da Escola, debruçando-se sobre as suas funções. Duas abordagens surgiram: uma integradora, onde se englobam as concepções funcionalistas, em que a Escola é vista numa perspectiva integradora (à Educação atribui-se um papel de socialização e de distribuição hierárquica natural de estatutos sociais) e outra a conflictualista/culturalista, em que à escola se dá o papel de reprodutora de conflitos sociais. Esta abordagem está patente nos trabalhos de Bourdieu e Passeron, de Bernstein, de Bowles e Gintis e de Boudelot e

Establiet, com orientações distintas, que sustentam existir uma diferença entre a cultura familiar e a cultura escolar e que o problema está no seu desencontro, na ruptura cultural imposta pela escola aos grupos das classes populares.

Estas duas abordagens, acima referidas, permitem-nos concluir que a Escola tem duas vertentes: é importante para a socialização, com uma função niveladora, que proporciona o acesso de todos ao Ensino, mas é discriminatória, porque mantém e reproduz as divisões existentes na sociedade. “ O modo como as desigualdades sociais se transformam em desigualdades escolares” colocou em evidência o “papel reprodutor da Escola” ao legitimar, por sua vez, “as desigualdades sociais” (Benavente, 1991, p. 54).

Face a esta problemática, a investigação vai incidir nas relações entre o insucesso escolar e as variáveis intrínsecas à organização da própria Escola, os seus efeitos restritivos e os vários constrangimentos que impossibilitam a realização de práticas pedagógicas adequadas à diversidade dos alunos. Estudos realizados, na segunda metade do século XX vieram provar que escolas semelhantes podem tornar-se muito diferentes, no efeito que produzem, devido aos processos de interação social que ocorrem em cada uma delas.

O que significa que se torna necessário alterar a actividade e o modo de funcionamento do sistema escolar (nomeadamente as práticas escolares e pedagógicas que têm por base o modelo de “aluno ideal”), adaptando-o às características do público-alvo, e não ao contrário, como frequentemente se faz com base no pressuposto de que tem que ser o aluno a adaptar-se à Escola. Urge, portanto, transformar a Escola de forma que esta assegure a todos os alunos iguais condições de acesso e de sucesso.

A pesquisa antropológica veio, também, evidenciar o papel da Escola, salientando que consoante os jovens estão mais próximos ou mais afastados dos objectivos académicos, estes se conseguem identificar ou não com o tipo de cultura que lhes é transmitida. Quando a cultura transmitida pela Escola é muito diferente da cultura de que os alunos são portadores, o insucesso escolar surge. Cabe então à Escola adaptar-se às características dos jovens que a frequentam, fomentar e assegurar a mudança: analisar as causas que impossibilitam a realização de práticas pedagógicas adequadas à diversidade dos alunos e organizar-se de forma a proporcionar a todos o sucesso; para isso, terá que assumir as suas funções sociais e interagir com o meio e ser dinâmica de modo a identificar e resolver os problemas identificados. Aos professores/educadores, Gomes (1987) alerta para a comunicação que estes estabelecem com os alunos e para as

relações humanas e pedagógicas existentes entre os professores e os alunos, dando origem ao efeito-escola e efeito-professor (Sebastião, 2006). Stewart afirma que “o talento dos professores, o seu compromisso intelectual e moral com a acção e as relações interpessoais enriquecedoras, constituem o «ouro oculto»” (1997, p. 47).

Contudo, a problemática do insucesso escolar continua a existir. Apesar desta teoria se preocupar com a racionalização e a eficácia do ensino, segundo Neves, ela “incidiu mais na administração e funcionamento da escola do que propriamente na adequação curricular e pedagógica aos pré-requisitos dos diversos alunos, logo o seu objectivo principal não foi atingido” (2004, p.46). Segundo Mata (2000) as políticas e as práticas escolares têm ignorado os conhecimentos sobre as desigualdades e os seus modos de produção e reprodução na Escola. Benavente (1993) afirma que existe uma discrepância entre as teorias, as políticas e as opções, o que origina um entrave ao sucesso das estratégias que promovem a “igualdade real”, pois estas exigem uma certa coerência entre políticas, meios, vontades e competências.

Posso concluir que o insucesso escolar é um problema muito abrangente, generalizado e preocupante. O que torna necessário inseri-lo num conjunto interdisciplinar, estando na encruzilhada da Psicologia Escolar com a Sociologia da Educação e a Política Educativa.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

2. 1. Modelo de análise

A pesquisa parte da hipótese de que o aluno poderá atribuir o seu insucesso escolar a aspectos ligados à sua experiência escolar, à falta de acompanhamento familiar de sua escolaridade e ainda às baixas aspirações e expectativas que detêm, juntamente com a sua família.

Os principais conceitos foram dimensionados de acordo com o quadro 1.

Quadro 1 - Dimensionamento dos Conceitos

Conceitos	Indicadores
Experiência de escolaridade -	<ul style="list-style-type: none">- Aproveitamento e comportamento- Composição da turma- Atitudes dos professores- Relação professor/aluno
Acompanhamento familiar na escolaridade -	<ul style="list-style-type: none">- Deslocações à escola- Diálogo sobre a escola- Apoio às dúvidas- Apreciação do aluno sobre o acompanhamento familiar na escolaridade
Aspirações e expectativas -	<ul style="list-style-type: none">- Do aluno- Da família- O futuro: reflexões/mensagem

2.2. Fundamentação das Opções Metodológicas

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi a intensiva, pois realizou-se um estudo que assumiu a forma de "estudo de caso". Como se pretende privilegiar a compreensão de comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (Bogdan & Bikler, 1994), as metodologias adoptadas neste estudo coincidem com as etapas definidos por Bogdan & Biklen (1994) para investigações de natureza qualitativa.

Sendo o principal objectivo deste estudo a procura das razões que os alunos atribuem ao seu insucesso, recorri à entrevista para recolher dados descritivos na linguagem dos próprios sujeitos. Como refere Tuckman (2000, p. 517): "Um dos processos mais directos para encontrar informações sobre um determinado fenómeno consiste em formular questões às pessoas que, de algum modo, nele estão envolvidas. As respostas de cada uma das pessoas vão reflectir as suas percepções e interesses. Dado que pessoas diferentes têm também diferentes perspectivas."

Depoimentos na primeira pessoa que têm como base a reconstrução de histórias de vida do entrevistado e que visam compreenderem aspectos do seu percurso de vida e de experiências. Com esta abordagem, o sujeito é colocado no centro da investigação e procura-se compreender, do ponto de vista dos entrevistados, as suas percepções, os seus sentimentos e os significados que atribuem às suas vivências, que são únicas e singulares.

Para as reconstruções dos relatos de vida escolar, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a elementos da comunidade educativa que estavam directamente relacionados com o objectivo do trabalho: alunos que já tivessem, pelo menos, uma reprovação no percurso escolar. A eleição desta modalidade de entrevista deve-se ao facto de esta ser a mais indicada para o género de trabalho que pretendo realizar pois, segundo Ghiglione & Matalon (1995), apesar de conter um esquema de entrevista que estrutura o indivíduo e que serve de ponto de referência, não deixa de dar liberdade quanto à ordem pela qual se abordam os temas do esquema, permitindo no decurso da entrevista colocar várias questões sobre as quais se procura obter respostas por parte do entrevistado. Desta forma, a ordem e o modo como os assuntos são introduzidos, ficam ao critério do investigador, tendo este liberdade de introduzir novas questões, em busca da informação pretendida. " O processo de entrevista requer flexibilidade e, mesmo

quando se utiliza um guião, as entrevistas (...) oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo." (Bogdan & Biklen, 1994, pp. 135-137).

Este tipo de entrevista apresenta, simultaneamente, flexibilidade e fraca directividade, mas objectividade e profundidade, que permite a recolha de testemunhos e de interpretações e, em simultâneo, o respeito pelo quadro de referência do entrevistado e pela sua linguagem, o que segundo Quivy e Campenhoudt (1998), é perfeitamente adequado aos estudos educacionais.

No decurso desta investigação foram salvaguardados os princípios éticos dos seus participantes: 1. A cada participante foi fornecida informação completa quanto aos objectivos e processos utilizados no decurso da investigação; 2. Houve o cuidado de obter o consentimento prévio dos participantes envolvidos no estudo, relativamente à disponibilização dos dados e informações por estes fornecidos; 3. O consentimento formal dos Encarregados de Educação foi solicitada porque os alunos são todos menores de idade; 4. A escola onde decorreu o estudo não é identificada; 5. Recorreu-se ao anonimato, com nomes fictícios, para garantir o direito à privacidade dos participantes. Estes foram informados do objectivo do trabalho e do tipo de contributo que poderia advir da sua participação no estudo. E não foi emitido qualquer juízo de valor acerca das considerações enunciadas pelos participantes.

A postura do entrevistador foi a de motivar o entrevistado, aproximando-se do seu quadro de referências, encorajando-o e apoiando-o, não só para a aceitação da entrevista, mas também para assegurar que ele se exprimisse do modo mais completo possível sobre o tema que lhe tinha sido proposto. Houve, assim, abertura nas questões e flexibilidade perante as respostas, abrindo caminho e permitindo novas questões emergentes da própria entrevista. O discurso do entrevistado foi interrompido quando necessário, para obter esclarecimentos.

No decurso da realização das entrevistas houve sempre o cuidado de criar um ambiente de confiança, de naturalidade, de colocar os entrevistados à vontade e de favorecer a livre exposição dos seus pontos de vista. Procurei ser sempre uma ouvinte atenta, isenta de crítica e de avaliação, mas receptiva a compreender o que era dito pelos entrevistados e revelando curiosidade e admiração pela informação fornecida.

Esta atitude de flexibilidade, empatia e de "bom ouvinte" permitiu a criação de um ambiente natural de conversa, e de que alguns alunos se "esquecessem" de que estavam a falar com uma professora.³

Neste trabalho, a palavra *insucesso escolar* é sinónimo de ter más notas e de reprovar. A palavra *família* reporta-se não somente a mães e pais (progenitores biológicos), mas também a padrastos, madrastas e a encarregados de educação.

O estudo decorreu durante o ano lectivo de 2008/2009 numa Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclos, sede de agrupamento vertical de escolas, no concelho de Sintra, onde leccionei nos últimos quatro anos. A selecção deveu-se a motivos de acessibilidade e de ter encontrado uma boa receptividade, disponibilidade e muita vontade de colaborar, por parte da Comissão Executiva, Directores de Turma, pais e alunos.

O processo de recolha de dados para este estudo foi precedido por um pedido formal de autorização à Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento e incidiu em alunos do 3ºCiclo, com retenções no 2º ou 3º Ciclos.⁴

Para além das entrevista aos alunos com este perfil, a recolha de dados foi complementada pela consulta dos Registos Biográfico e pela análise documental.

O estudo teve início em Outubro de 2008. A população que serviu de suporte a este estudo é constituída por onze alunos inscritos na escola, com um perfil muito semelhante e com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos⁵, quatro do 7º ano do Ensino Regular, cinco do 8º ano de Currículos Alternativos e dois do Curso Técnico-profissional, de ambos os sexos, apesar de a maioria pertencer ao sexo masculino⁶.

A selecção dos alunos, para além do que já foi referido, incidiu naqueles a quem os Encarregados de Educação tinham dado autorização para eu poder entrevistar os seus educandos, porque todos, até àquela altura, eram menores de idade.

³ Comentário que foi verbalizado por alguns alunos depois de ter desligado o gravador.

⁴ Embora alguns, também, apresentassem retenção no 1º Ciclo, não foi relevante para a selecção dos alunos.

⁵ As idades são correspondentes a 31 de Dezembro de 2009

⁶ Houve o cuidado de não seleccionar para este estudo alunos a quem já tinha leccionado em anos anteriores ou que estivesse a leccionar nesse ano lectivo, para que os alunos pudessem expressar, sem receio, as suas opiniões e os relatos das suas vivências escolares

Quadro 2- Perfil dos alunos entrevistados

Alunos	Idade até 31-12-2009	Ano que frequentam *	Nº de reprovações	Encº Educação	Profissão Pai	Habilitações Pai	Profissão Mãe	Habilitações Mãe	Agregado familiar
Álvaro	17 anos	CEF	3 (5º, 6º, 7º anos)	Pai	Dono loja informª	?	Empª restaurante	?	Monoparental (Mãe)
Joana	18 anos	CEF	3 (3º, 6º, 8º anos)	Mãe	Pedreiro	1º Ciclo (4º ano)	Doméstica	1º Ciclo (4º ano)	Família nuclear
David	14 anos	7º Ano/ ER	1 (5º ano)	Mãe	Técnico contas	Curso médio	Massagista	Curso médio	Monoparental (Mãe)
Inês	15 anos	7º Ano/ER	2 (7º ano)	Pai	Auxil. Admº	1º Ciclo (4º ano)	Cozinheira	2º Ciclo-6º ano	Família nuclear
António	14 anos	7º Ano/ ER	1 (6º ano)	Pai	Operº químico	Secundº-12º ano	Empª restaurante	Secundº-12 ano	Família nuclear
Filipe	14 anos	7º Ano/ ER	1 (7º ano)	Mãe	Pedreiro	1º Ciclo (4º ano)	Esteticista	3º Ciclo-9º ano	Família nuclear
Afonso	16 anos	8º Ano/TCA	2 (3º e 7º)	Mãe	Ladrilhador	2º Ciclo-6º ano	Doméstica	3º Ciclo-8º ano	Família nuclear
Tiago	16 anos	8º Ano/ TCA	2 (4º e 5º)	Mãe	Dono empresa imobª	3º Ciclo-9º ano	Contabilista	Secundº-12 ano	Recomposta (Pai e madrastra)
Miguel	17 anos	8º Ano/ TCA	3 (4º, 7º (2 vezes))	Mãe	?	?	Doméstica	2º Ciclo	Família nuclear
Carlos	16 anos	8º Ano/ TCA	2 (3º, 7º)	Mãe	Jardineiro	1º Ciclo (4º ano)	Empª hotelaria	3º Ciclo-7º ano	Monoparental (Mãe)
Rui	16 anos	8º Ano/ TCA	2 (3º, 7º)	Mãe	Arquitecto	Licenciatura	Segurança da Prossegur	Secundº-12 ano	Monoparental (Mãe)

* CEF Curso Técnico-profissional de operador de informática

* TCA Turma de currículo alternativo

* ER Ensino Regular

Nota: Os dados referentes às habilitações literárias e profissões dos pais, foram obtidos através das entrevistas e dos registos biográficos dos alunos.

Três Directores de Turma participaram neste estudo e a sua colaboração foi importante para obter as autorizações dos Encarregados de Educação, dos alunos a entrevistar⁷ (Anexo 1) e de terem disponibilizado os seus alunos, de parte das aulas de Formação Cívica, para serem entrevistados por mim. As entrevistas duraram entre quinze a vinte cinco minutos.

Elaborei um guião de entrevista oral (Anexo 2) dirigida aos alunos participantes no estudo com perguntas abertas e desenhadas de modo a evitar respostas demasiado curtas ou do tipo "Sim" ou "Não". As entrevistas realizaram-se entre Maio e Junho de 2009 e foram gravadas em suporte audio-digital. Das onze entrevistas realizadas, cinco foram gravadas com o consentimento prévio dos entrevistados, que se mostraram bastante à vontade durante a sua realização, em seis casos o registo foi manuscrito pois os alunos manifestaram não desejar que as suas entrevistas fossem gravadas.⁸

A fim de obter o maior partido da entrevista, antes de a efectuar, explicava ao entrevistado o tema do trabalho a que me propus efectuar, o fim a que se destinava,

⁷ Foi-lhes pedido que nas reuniões do 2º Período, de entrega das avaliações aos Encarregados de Educação, tivessem com eles uma conversa informal em que lhes explicassem o tema do trabalho que eu pretendia realizar com os seus educandos, o fim a que se destinava, e o tipo de colaboração que lhes solicitava

⁸ Penso que esta situação se deveu ao facto de, durante este ano, terem sido noticiadas situações que foram gravadas e que depois surgiram nos órgãos de comunicação social e no "You Tube".

expressando-lhe o interesse sentido pelos factores geradores de insucesso, garantindo-lhe que aquilo que seria dito na entrevista seria tratado confidencialmente e perguntava se estava disposto em colaborar. Apenas um aluno, apesar da anuência dada pela Encarregada de Educação, se recusou a colaborar, referindo que: "Sobre esse tema nada tenho a dizer", o que pode ser sintomático da sua situação escolar.⁹

O local escolhido para a realização das entrevistas foi a sala de atendimento aos Encarregados de Educação, quando disponível, pois garantia privacidade e sossego, favorável a uma conversa calma.

⁹ Aluno com várias retenções e que tinha dificuldade em relacionar-se com os professores, nomeadamente com as professoras.

CAPÍTULO 3 - RESULTADOS: AS VIVÊNCIAS DOS ALUNOS

3.1. O Contexto Escolar

A escola onde decorreu o estudo é uma escola do Ensino Básico do 2º e 3º Ciclos, sede de um agrupamento vertical de escolas no concelho de Sintra. Localiza-se na segunda freguesia do concelho com maior número de habitantes, Algueirão/Mem-Martins. É receptora de alunos que residem, na sua maioria, em bairros habitacionais de construção vertical e de um bairro de realojamento, onde se concentra um elevado número de alunos com origem nos PALOP, ocupado no âmbito do Plano Especial de Realojamento (PER), do concelho de Sintra.

A escola funciona em regime diurno e nocturno (curso de Língua Portuguesa para estrangeiros, que teve início em 15-10-2008). Em 2008/2009, ano lectivo a que se reporta o estudo, a população discente da escola era constituída por 1.068 alunos, distribuídos por 45 turmas (sendo 11 turmas do 5º ano; 11 do 6º ano, 8 do 7º ano, 8 do 8º ano e 7 do 9º ano). Funcionava igualmente uma turma de Percursos de Currículos Alternativos e uma turma de Curso Técnico-profissional (Operador de Informática). O número médio de alunos por turma era de 24. Duas dezenas de alunos requereram estatuto de carenciados e usufruíram de apoio por parte do Serviço de Apoio Social Escolar.

A escola possui bons recursos em termos físicos, que se podem considerar em muito bom estado de conservação.

O aproveitamento escolar obtido pelos alunos da escola, nos vários anos de escolaridade, ao longo de uma década (1999 a 2008), tem, na generalidade dos ciclos, aumentado. No entanto, verifica-se que o sucesso vai diminuindo à medida que se vai avançando nos níveis de escolaridade e que a média de reprovações é cerca de 10% no 2º e 3º ciclos.

Quadro 3 - Evolução do Sucesso Escolar (1999-2008)
(por ciclo de escolaridade)

	1º ciclo			2º ciclo			3º ciclo		
	matriculados	transitados	% transitados	matriculados	transitados	% transitados	matriculados	transitados	% transitados
1999-2000	830	773	95,5	445	389	87,4	649	488	75,2
2000-2001	863	805	93,3	477	443	92,9	627	512	81,7
2001-2002	838	770	91,9	463	402	86,8	619	466	75,2
2002-2003	845	796	94,2	500	452	90,4	619	511	82,6
2003-2004	870	813	93,4	497	445	89,5	665	509	76,5
2004-2005	881	817	92,7	534	457	85,6	542	435	80,3
2005-2006	858	823	95,9	543	490	90,2	532	460	86,5
2006-2007	905	853	94,3	522	437	83,7	547	447	81,7
2007-2008	938	907	96,7	539	496	92	494	446	90,3

O aproveitamento escolar obtido pelos alunos da escola, nos vários anos de escolaridade e ao longo de uma década (1999 a 2008) tem, na generalidade dos ciclos aumentado. No entanto, verifica-se que o sucesso vai diminuindo à medida que se vai avançando nos níveis de escolaridade e que a média de reprovações é cerca de 10% no 2º e 3º ciclos

3.2. Vivências do insucesso escolar

3.2.1. Perspectivas comuns

Após a análise e interpretação dos discursos dos alunos, constatei que é transversal a todos os alunos entrevistados (currículo regular, currículo alternativo ou curso técnico-profissional) determinados aspectos e vivências escolares comuns.

O nível sócio-económico destes alunos não é relevante com a sua predisposição para o sucesso ou insucesso escolar, pois verifica-se uma certa homogeneidade. É notória a ausência de quadros (Quadro 2). Esta situação deve-se, talvez, à zona geográfica em que se situa a escola e à população que a serve, características suburbanas, tipo dormitório.

É também possível, a partir dos dados obtidos, concluir que os alunos cujos pais apresentam menor nível de escolaridade, são os que têm maior número de reprovações.

Da leitura dos depoimentos dos alunos em estudo, a atribuição causal do insucesso escolar centra-se neles próprios - ideologia meritocrática.

Ao responsabilizarem-se pelo seu próprio insucesso explicitam que este foi devido a um grande desinvestimento em relação à escolaridade, à sua falta de estudo e à sua falta de gosto pela Escola.

A mim mesmo [a causa da reprovação] e a não gostar da Escola. Nunca gostei muito da Escola, gostava mais de brincar e não queria saber da Escola. Era um sacrifício estar lá. (...) Nas aulas distraía-me, não consigo ficar quieto, tinha desinteresse e não percebia as matérias. Por isso tinha más notas e ficava chateado e o desinteresse pela Escola era cada vez maior.

(Álvaro, 17 anos, CEF).

A mim [a causa da reprovação] porque não estudava, a Escola não me interessava minimamente. Reprovei no 6º ano porque não estava interessada na Escola e não quis saber. (...) A Escola não me dizia nada. Nunca gostei da Escola. Só gostei da Escola no 1º ano, quando aprendi a ler e a escrever. Depois desinteressei-me.

(Joana, 18 anos, CEF).

Penso que a culpa [a reprovação] foi minha porque não estudava para os testes. Queria era brincar.

(David, 14 anos, 7º Ano).

Chumbei porque eu não me interessava muito pela Escola, não estudava e isso tudo. Deixava os estudos, pronto, para o lado e ia brincar lá para fora.

(Inês, 15 anos, 7º Ano).

Tentava aplicar-me, mas não me esforçava tanto como este ano.

(António, 14 anos, 7º Ano).

Eu não estudava, eu pensava que era como no 6º ano, em que os professores davam tolerância, mas não.

(Filipe, 14 anos, 7º Ano).

Nesse ano [7º Ano] não queria saber muito da Escola. Às vezes, quando tirava negativas, já não... valia, acho eu, a pena levantá-las, não ligava sequer ao que os professores diziam, chegava a casa nem sequer estudava, nem fazia os trabalhos de casa.

(Afonso, 16 anos, TCA).

Nunca estava atento nas aulas, acabava sempre por tirar negativas (...) eu não queria mesmo Escola.

(Miguel, 17 anos, TCA).

No 7º ano voltei novamente a reprovar por causa das notas, que desde o 5º ano vinham a baixar. Estava sempre distraído, falava muito.

(Carlos, 16 anos, TCA).

Distracção e não querer saber. [Causa da reprovação] Muita brincadeira, estar sempre desatento nas aulas e não fazer nada, basicamente.

(Rui, 16 anos, TCA).

Outro aspecto também referido por estes jovens é o comportamento desajustado que eles adoptavam, no contexto da sala de aula, o que reforça e evidencia a falta de interesse que manifestavam pela Escola. O aluno que não tem um comportamento aceitável na sala de aula dificilmente está predisposto a estudar e a ter interesse pelos conteúdos ministrados na Escola. Para a maioria destes jovens, os problemas de comportamento devem-se à turma, aos colegas que formam a turma onde estão inseridos. Referem que se estiverem em turmas onde haja mais do que um aluno perturbador, estes "arrastam" consigo outros colegas da turma para comportamentos desajustados à sala de aula. Ao atribuírem o insucesso a causas de ordem pessoal, referenciam os colegas de turma como também responsáveis pelo seu insucesso.

Brincava nas aulas e tinha falta de interesse (...) eu portava-me mal (...) tinha mau comportamento nas aulas.

(Álvaro, 17 anos, CEF).

Não consegui passar [de ano] porque (...) andava sempre na brincadeira com uma amiga.

(Joana, 18 anos, CEF).

Levantava-me sem autorização, falava muito, recados na Caderneta. Mas também se deveu aos meus colegas, porque eu tinha um grupo de colegas e ia muito com eles na brincadeira da sala de aula, por isso reprovei e eles também.

(António, 14 anos, 7º Ano).

Influenciam [os colegas]. Porque se numa turma for tudo muito sossegado e for tudo muito direitinho, ninguém dá piadas... pode haver só um, mas esse vai-se cansar de estar sempre a dizer as piadas. Mas se houver mais elementos perturbadores acaba por depois também alastrar ao resto da Turma. (...) Eu era também um aluno perturbador, por isso eu sei o que é estar na pele dos alunos perturbadores... Eu fazia imensas coisas que perturbavam, desde atirar papéis, chamar ou outros, atirar canetas... várias coisas.

(Filipe, 14 anos, 7º Ano).

A minha reprovação do 7º ano foi por muito mau comportamento e notas muito baixas e pouco interesse pela Escola. Influenciava-me também por causa dos meus colegas da altura. (...) Ia atrás deles também (colegas) mas depois quando reprovei o ano é que comecei a ver as coisas.

(Afonso, 16 anos, TCA).

A professora dizia: "cala-te", e eu... "mas calo-me porquê?" e ela dizia: "rua", e eu "ainda bem, vou jogar à bola ou assim, saio mais cedo, vou para casa".

(Tiago, 16 anos, TCA).

Portava-me mal, não era disciplinado. Essencialmente no 7º ano foi mesmo o comportamento. Era bastante irrequieto, não parava quieto, portava-me mesmo muito mal. Era mesmo uma peste. Não estava quieto. Ou estava a fazer mal aos outros ou estava a mandar "bocas" para o ar. A aula não avançava mesmo, quando eu estava dentro da sala. Era mesmo pura estupidez.

(Miguel, 17 anos, TCA).

Estava sempre distraído, falava muito. Os colegas chamavam-me e eu ia atrás.

(Carlos, 16 anos, TCA).

Distracção e não querer saber. Muita brincadeira, estar sempre desatento nas aulas e não fazer nada, basicamente (...). Fui para uma turma, pronto... que só queria era brincar. Por causa dos alunos da turma, também só faziam disparates, pronto, chamavam-me para a conversa..

(Rui, 16 anos, TCA).

É de realçar que as duas alunas participantes neste estudo referem os colegas como causa do seu insucesso na medida em que as marginalizavam e como a situação era muito difícil de suportar, a desmotivação pela Escola surgiu e o "desejo" de reprovar também, como forma de se desligarem da turma em que estavam inseridas, uma vez que de outro modo, prosseguiriam na mesma turma.

A minha turma era de grupos: o das boas notas, o das "escurinhas", o dos rapazes e eu e a minha amiga. Mas a turma rejeitava-me e não à minha amiga. (...) Eles gozavam comigo e eu chorava.

(Joana, 18 anos, CEF).

O ano passado eu chumbei porque não gostava deles [colegas de turma], não queria ficar com eles no 8º ano. (...) No segundo 7º ano eu chumbei por causa... que eu não gostava da minha turma, chamavam-me nomes, estavam sempre a me insultar, era mesmo a turma contra mim e eu não queria continuar com ela dois anos seguidos.

(Inês, 15 anos, 7º Ano).

Apesar da atribuição causal do insucesso seja atribuído a si próprios, são também mencionados problemas familiares (deslocação da Mãe para o estrangeiro - referido apenas por um aluno - e o divórcio dos pais). Os alunos que têm os pais divorciados referem que a separação dos mesmos contribuiu para o seu insucesso, quando esta ocorreu em anos em que os alunos já frequentavam a Escola. O que significa que existiu, nalguns casos, uma relação directa entre o insucesso e o ambiente familiar, pouco propício para o estudo.

No 3º ano reprovei. No 2º Período até tinha boas notas, mas os meus pais separaram-se e eu comecei a tirar más notas porque eles se separaram.

(Carlos, 16 anos, TCA).

Os meus pais divorciaram-se nesse ano [4º ano].

(Afonso, 16 anos, TCA).

Quando inquiridos acerca das qualidades que mais apreciam nos professores referem-se ao seu bom relacionamento com os alunos e à forma como conduzem as aulas.

Aquele [professor] que sabe ensinar. Como por exemplo a de Inglês e de Físico-Química, que explica bem, de forma a percebermos a matéria, e que gosta de nós.

(David, 14 anos, 7º Ano).

Um professor ideal, para mim, deveria ajudar sempre os alunos, esclarecer as dúvidas, a mudar, por exemplo, se os alunos não entendessem mudar de estratégia, a fazer aulas diferentes. Por exemplo, em vez de estar sempre a dar matéria no quadro podia fazer em "power-point" algumas vezes, e eu acho que assim até ajuda haver diferentes tipos de aulas, acho que até motiva mais.

(Filipe, 14 anos, 7º ano).

O que me faz gostar é os professores ensinarem de forma a que eu perceba.

(Carlos, 16 anos, TCA)

Então [o bom professor] é que, pronto, ensina bem. Mesmo que o aluno tenha dúvidas, volta a ensinar as vezes que forem precisas. Esteja sempre lá a apoiá-lo [aluno].E que seja simpático também.

(Rui, 16 anos, TCA).

Em todos os casos em que se conhecem as aspirações dos filhos e pais, estas estão em concordância e não aparecem relacionadas com a formação dos pais, cursos ou com os anos de repetências. A maioria dos alunos mantém aspirações de ingressar no Ensino Superior, apesar de os que têm maior número de reprovações terem menos expectativas de o conseguirem.

O curso universitário é melhor para arranjar emprego ensina bem.
(Álvaro, 17 anos, CEF)

Dança. Eu queria seguir dança. Só que... depois no 10º ano isso é mais difícil. (...) Por causa que eu tenho que seguir Artes e eu não sou muito boa.
(Inês, 15 anos, 7º Ano).

Eu queria tirar Medicina Veterinária, mas a psicóloga já disse que a média é de 15 ou 16, e é muito alta. E então como eu até percebo de computadores, vou tirar informática.
(Tiago, 16 anos, TCA).

Querida ser desenhador, trabalhar em pinturas, Design, ou na Restauração. Gostava de ir para a Faculdade, mas é difícil, acho que não consigo, por causa das notas. Tinha que me esforçar muito.
(Carlos, 16 anos, TCA).

Gostava de ser informático [Engenheiro]. O 12º ano [o que o aluno espera concluir] e depois vamos lá ver.
(Rui, 16 anos, TCA).

No acompanhamento familiar não se detectaram no conjunto destes alunos diferenças significativas no que se refere ao modo como as suas famílias acompanham a escolaridade dos filhos. Pela descrição que fazem e dizem, existe com alguma frequência, diálogo sobre a Escola e quando necessário os pais ajudam os seus educandos a estudar e a realizar os trabalhos escolares. Nas deslocações ao estabelecimento de ensino os Encarregados de Educação, quando solicitados ou por iniciativa própria, são assíduos. É de evidenciar que, apesar de estes alunos terem insucessos na sua vivência escolar, expressam gostar que os seus encarregados de educação vão à escola saber deles.

É bom virem à Escola, ficam a saber mais de mim, apesar de eu ficar muito aflito. Mas gosto. se tivesse um filho eu viria à escola saber das notas e do comportamento.
(Álvaro, 17 anos, CEF).

Gosto, porque é sinal de que ele [Pai] se interessa por mim.

(António, 14 anos, 7º Ano).

Gosto que eles [Pais] se interessem, porque é sinal que se preocupam comigo e com o meu futuro.

(Filipe, 14 anos, 7º Ano).

Como síntese, poder-se-á concluir que estes alunos se responsabilizam pelo seu insucesso, pois assumem que é devido a si próprios e ao desinvestimento que tiveram em relação à escolaridade, que se deveu o seu insucesso escolar.

Pela diversidade de entrevistas que foram realizadas, numa análise mais fina dos discursos torna-se possível detectar diferenciação no modo como é vivido o insucesso escolar, de acordo com a frequência das reprovações e o curso que se frequenta. Assim, configuram-se dois modos diferentes de o viver : "Viver com Esperança" e o "Viver com Arrependimento".

3.2.2. Divergências

3.2.2.1. Viver com esperança

A este grupo pertencem todos os alunos do Ensino Regular que têm apenas uma retenção, à excepção de uma aluna que tem duas, e têm idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos.

Foi-lhes dada a designação de "Esperança" porque, ao longo dos seus depoimentos, a Esperança de ser capaz de fazer melhor, de não voltar ao insucesso escolar e de conseguir alcançar os seus objectivos está presente nos seus discursos. Encaram com esperança o seu futuro. Pois quando interrogados sobre estas questões, estes alunos afirmam:

Que é importante estudar e acreditar que conseguem vencer.

(David, 14 anos, 7º Ano).

Eu acho que este ano vou passar.

(Inês, 15 anos, 7º Ano).

Mas fez-me bem, [reprovar] para abrir os olhos e ter melhores objectivos: passar sem negativas e ter bom comportamento.

(António, 14 anos, 7º Ano).

Eu tenho esperança que sim [que vou conseguir]. Mas nos dias de hoje.. não sei. Espero que sim, tenho esperança disso.

(Filipe, 14 anos, 7º Ano).

Quanto à maneira específica de verem os processos de produção do insucesso escolar, apesar de partilharem da ideologia meritocrática, salientam com ênfase acrescida o papel do professor na produção desse insucesso. Incluem os professores nas causas da sua reprovação pela "prática de discriminação" e por razões intrínsecas ao funcionamento das aulas. Para estes alunos, os professores só gostam dos ditos "bons alunos" e só a eles é que tiram dúvidas e dão atenção e em relação aos "maus alunos" desinteressam-se. .

Os (professores) que gostam de nós ajudam-nos; os que não gostam desinteressam-se de nós.

(David, 14 anos, 7º Ano).

O ano passado e o outro foi porque eu não estudava [que reprovei]. Os "stores", nestes tempos, só dão atenção àqueles que são... que tiram melhores notas, eles só vão dar mais atenção a esses e aos outros, pronto, não dão... Principalmente o nosso "stor" de Físico-Química só liga àqueles que tiram melhores notas, e aos outros deixa para trás... Às vezes ele explica mas, ele tenta explicar mesmo que sejamos nós com a dúvida ele explica outra vez àqueles que tiram melhores notas e deixa-nos ficar outra vez com aquela dúvida.

(Inês, 15 anos, 7º Ano).

Reprovei no 6º ano por implicação das minhas professoras de EVT. Não gostavam muito de mim, implicavam comigo sem eu fazer nada. Mesmo estando quieto e calado, elas implicavam comigo.

(António, 14 anos, 7º Ano).

O meu Director de Turma do ano passado era nazi. É um professor que agora já se foi embora para a Alemanha. Esse professor o ano passado eu tinha apoio a Matemática e ele no 3º Período tirou-me o apoio a Matemática e eu depois reprovei. Há professores na minha turma que esclarecem de boa vontade e esclarecem bem os alunos. Mas há outros que não esclarecem assim, preferem esclarecer noutra aula, por exemplo, e acabar de dar a matéria.

(Filipe, 14 anos, 7º Ano).

O que transparece destes depoimentos é que as qualidades de um "bom" professor são: a capacidade de explicar de forma a que os alunos percebam, e a atenção dada aos alunos.

Aquele que sabe ensinar. Como por exemplo a de Inglês e de Físico-Química, que explica bem, de forma a percebermos a matéria e que goste de nós.

(David, 14 anos, 7º Ano).

Um professor ideal, para mim, deveria ajudar sempre os alunos, esclarecer as dúvidas, a mudar, por exemplo, se os alunos não entendessem mudar de estratégia, a fazer aulas diferentes, a fazer aulas diferentes, por exemplo em vez de estar sempre a dar matéria no quadro, podia fazer em "power-point" algumas vezes, e eu acho que assim até ajuda haver diferentes tipos de aulas, acho que até motiva mais.

(Filipe, 14 anos, 7º Ano).

3.2.2.2 *Viver com arrependimento*

A este grupo pertencem todos os alunos do Curso Técnico-Profissional e os da Turma de Currículo Alternativo, que já experimentaram a repetência múltipla na sua vida escolar e têm idades compreendidas entre os 18 anos e os 16 anos.

Foi-lhes dada a designação de "Arrependimento" porque ao longo das entrevistas o sentimento dominante destes alunos é o do arrependimento, do pouco investimento realizado no estudo, aconselhando os colegas mais novos a não terem a mesma atitude.

Perdi três anos, já podia estar no 12º ano. Estou arrependido do que se passou para trás. Se soubesse o que sei hoje tinha-me esforçado para passar sempre.

(Álvaro, 17 anos, CEF).

Tenho uma irmã ainda na escola do 1º Ciclo. Falava com ela, explicava-lhe o que eu tinha passado e o quanto estava arrependida de não ter estudado porque podia estar a acabar a Escola. Fui parva, porque deveria ter aproveitado, era mais nova.

(Joana, 18 anos, CEF).

Ah!... que dessem mais valor aos estudos. (...) Pois quando querem vir a estudar já pode ser tarde de mais acho que deviam ganhar mais interesse pela escola.

(Afonso, 16 anos, TCA).

Nós [alunos] é que nos prejudicamos, nós é que ficamos para trás. Nós é que mais tarde vamos ter mais dificuldade em arranjar emprego por termos mais anos repetidos. Vamos ser mais velhos e...hoje em dia querem pessoas novas para trabalhar.

(Miguel, 17 anos, TCA).

No que respeita ao processo de produção de insucesso escolar estes alunos, tal como os anteriores, partilham da ideologia meritocrática, mas não referem os docentes como causa do insucesso (excepto um aluno), centram é nos seus colegas de turma, a causa do seu insucesso.

Na perspectiva destes alunos, apesar de terem consciência de que o seu comportamento nas salas de aula não era o mais correcto, os colegas "perturbadores" também influenciavam o seu mau comportamento e relatam situações vividas de rejeição por parte de alguns colegas de turma em que estavam inseridos.

No 8º ano não consegui passar porque tinha muitas negativas, não estudava e andava sempre na brincadeira com uma amiga. Sim, no 8º ano. A minha turma era de grupos: o das boas notas, o das "escurinhas", o dos rapazes e eu e a minha amiga. Mas a turma rejeitava-me e não à minha amiga.

(Joana, 18 anos, CEF).

Portava-me muito mal. (...) Influenciava-me, também, por causa dos meus colegas da altura. (...) Influenciava-me, ia atrás deles também, mas depois quando reprovei o ano é que comecei a ver as coisas.

(Afonso, 16 anos, TCA).

Não, faltar também não faltava, mas ia para a rua porque achava piada, os outros fazerem... os outros faziam e eu, pronto, achava piada. Às vezes, não sei quê, então vamos fazer, hoje vamos para a rua os dois. Não ia só um sozinho para a rua, né?

(Tiago, 16 anos, TCA).

No 7º ano voltei novamente a reprovar por causa das notas que, desde o 5º ano, vinham a baixar. Estava sempre distraído, falava muito. Os colegas chamavam-me e eu ia atrás.

(Carlos, 16 anos, TCA).

Esse ano foi um bocado mau [7º ano]. Por causa dos alunos da turma, também só faziam disparates, pronto, chamavam-me para a conversa.

(Rui, 16 anos, TCA).

Em relação ao professor, não o referem nas suas vivências do passado, a não ser uma aluna, mas falam dele na sua actual vivência, e ao falarem definem o "bom" professor como sendo aquele que para além de explicar bem a matéria, de forma a que eles percebam/entendam, precisa de ser compreensivo e simpático.

É aquele que incentiva a trabalhar em coisas práticas e que é compreensivo.
(Álvaro, 17 anos, CEF).

É aquele que diz muitas regras, dá a matéria bem e é divertido. Mau professor é aquele que deixa nós só falarmos, falarmos, e deixa, pronto, dá a matéria, não se importa se a gente aprende ou não, o que interessa é dar a matéria.
(Tiago, 16 anos, TCA).

O que me faz gostar [deste ano lectivo] é os professores ensinarem de forma que eu percebo.
(Carlos, 16 anos, TCA).

Ensina bem. Mesmo que o aluno tenha dúvidas volta a ensinar as vezes que forem precisas. Esteja sempre lá a apoiá-lo [aluno]. E que seja simpático também.
(Rui, 16 anos, TCA).

Comparando estes testemunhos com os da vivência da "Esperança", ambos referem que o "bom" professor é aquele que explica a matéria de forma a que os alunos percebam, mas o que os distingue é que na vivência anterior os alunos referem que o professor deve demonstrar atenção para com eles, enquanto que os do "Arrependimento" referem que seja compreensivo e simpático. Esta distinção entre as vivências deve-se ao facto de que os alunos da primeira vivência acharem que há professores que não gostam deles por serem "maus" alunos, enquanto que estes, sabendo que têm mais reprovações e problemas comportamentais, desejam que os professores sejam compreensivos para com eles, pois eles têm a consciência de que não são alunos fáceis e talvez por isso peçam mais compreensão por parte dos professores.

CONCLUSÃO

A primeira conclusão que emerge deste estudo é que os alunos, unanimemente, atribuem a si próprios a causa do seu insucesso escolar, pois não estudam, têm falta de interesse e motivação pela Escola, não se empenham nas tarefas e actividades escolares e são indisciplinados. Os alunos, na sua maioria, referem que o seu comportamento na sala de aula não era o mais correcto por não estarem interessados e por frequentarem turmas com alunos perturbadores que os "arrastavam" para a indisciplina. Em síntese, poderei concluir que a influência da turma/colegas é a principal causa do insucesso escolar. Este elemento de causa de insucesso, apesar de ser referido por todos os entrevistados, é verbalizado com mais ênfase pelos alunos dos Currículos Alternativos e dos CEFs. São alunos mais velhos e que neste momento têm a consciência que devido ao seu comportamento, que não era o mais correcto, as dificuldades de aprendizagem eram maiores e, por isso, o sucesso mais difícil de alcançar. E quando falam da sua experiência escolar do passado revelam arrependimento do que se passou, pois agora entendem que para se ter sucesso escolar é necessário, para além de outros elementos, ter um comportamento satisfatório.

Mas a turma, como um todo, também é referida como causa de insucesso, quando não aceita um ou outro colega. A "rejeição"/não aceitação de um elemento da turma chega a ser tão penalizante para o aluno "não aceite" que este deseja a reprovação/o insucesso escolar para por fim ao seu sofrimento e desintegrar-se da turma e desses colegas. Como é sabido, quando um aluno é integrado numa turma permanece nela até concluir o ciclo de ensino. Os alunos só mudam de turma, salvo alguma situação excepcional, nas mudanças de ciclo (1º, 2º, 3º Ciclo e Secundária). Daí que tenha sido a reprovação a solução que duas alunas, participantes neste trabalho, encontraram para mudar de colegas e de turma.

A segunda conclusão deste estudo é o "papel" do professor no processo de produção do insucesso escolar, pela "prática de discriminação" que é feita aos alunos mais fracos. Os alunos referem que os professores se desinteressam, não gostam e embirram com eles porque o seu aproveitamento, interesse pela escola e comportamento, não é muito satisfatório. E quando solicitados a explicar, mais uma vez, ou a esclarecer dúvidas, explicam mas na maioria das vezes não de uma forma

perceptível para estes alunos. Esta situação desmotiva-os a estudar e origina que o interesse pela Escola e o seu aproveitamento diminua. Ao falarem desta situação os alunos vão referindo as características de um "bom" professor: aquele que tem a capacidade de explicar a matéria de forma a que os alunos percebam, que tem paciência, que é compreensivo e que seja simpático. Este processo de produção de insucesso é mais referenciado pelos alunos do Ensino Regular do que pelos outros. Esta constatação advém do facto destes alunos estarem a frequentar um ensino diferente daquele que é ministrado nos Currículos Alternativos e CEFs, em que a exigência dos professores é maior e os conteúdos programáticos são mais "rígidos", exigentes e menos permeáveis a alterações, pois estes alunos no final do ciclo irão realizar exames nacionais e parte destes alunos deseja continuar a sua vida escolar até ao Ensino Superior.

A terceira conclusão que é possível retirar deste estudo prende-se com questões familiares, que são referidas como causas do insucesso, nomeadamente os divórcios dos pais. No ano em que os pais se divorciaram, todos os alunos deste estudo tiveram insucesso escolar. É curioso que esta situação ocorreu quando os jovens estavam a frequentar o 1º Ciclo.

A quarta conclusão que podemos retirar deste estudo é que a relação sucesso/género é notória e "não foge à regra". No universo de onze alunos com reprovações, nove são do género masculino e dois do género feminino, o que está de acordo com as informações obtidas em Giase/ME2006.¹⁰

Em síntese, posso considerar que, através deste estudo empírico, tive a oportunidade de conhecer as opiniões, as percepções e as expectativas de onze alunos, sobre a sua situação de alunos com insucesso escolar.

¹⁰ Este estudo refere que as raparigas apresentam menor taxas de reprovação, nas escolas públicas do Ensino Básico, do que os rapazes.

BIBLIOGRAFIA:

Benavente, A. & M. A. Correia (1981), *Obstáculos ao Sucesso Escolar na Escola Primária*, Lisboa: I E D.

Benavente, A. (1991), “Insucesso escolar no contexto português-abordagens, concepções e políticas” *Análise Social*, XXV.

Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.

Bourdieu, P. e J. C. Passeron (1985), *Les Héritiers – Les Étudiants et la Culture*, Paris, Editions Du Minuit.

Coleman, J. S. (1975,1968), «The Concept of equality of educational opportunity » em I. R. Dale e outros (org), *School and Society*, Cambridge-Mass Mit, Open University Press.

Cortês, L. & M. A. Torres (1990), *Avaliação Pedagógica I – Insucesso escolar*, Porto, Porto Editora.

Cunha, J. (1997, Abril/Junho). "Desigualdades face à Escola e insucesso escolar". *Informar Revista de acção Educativa*, pp. 54-66.

Duarte, Maria S. Ramos (2000), *Alunos e insucesso escolar: um mundo a descobrir*, Lisboa, Instituto de Inovação educacional.

Dubet, F. (2004), *L'école dès chances – Qu'est-ce qu'une école juste ?* La République de Ideas e Seuil.

Fernandes, António Sousa (1991) *A construção Social da Educação Escolar* , Lisboa, Edições Asa.

Fitoussi, J. P. e P. Rosanvallon (1997), *A Nova Era das Desigualdades*, Oeiras, Celta.

Forquin, Jean-Claude (1995), *Sociologia da Educação, dez anos de pesquisa*, Porto Alegre: Artes Médicas.

Gall, A. (1978). *O Insucesso Escolar: diagnóstico e recuperação*, Biblioteca de Ciência Pedagógicas (3ª Ed.), Lisboa, Editorial Estampa.

Gall, M. D., Borg, W. R. & Gall, J. P. (1996). *Educational Research* N. Y. Longman Publishers.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1995). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Lisboa. Celta Editora.

Giase/ME (2006), *Séries Cronológicas:30 anos de estatísticas da educação- Alunos 1977-2006* (vol.I), Lisboa, Giase/ME

- Gomes, C. A. (1987), “A interacção selectiva na Escola de massas” *Sociologia – Problemas e Práticas*, Nº 3, pp. 35-49.
- Guerra, Miguel Ângelo Santos, *A Escola que aprende - 2001 - ASA*, Lisboa, Cadernos do CRIAP.
- Husén, T. (s/d), *Meio Social e Sucesso Escolar*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Isambert-Jamati, V. (1989), Quelques rappels de l'émergence de l'échec scolaire comme Problème social dans les Milieux Pédagogiques Français, in : E. Plaisance (Ed), *L'Échec Scolaire : nouveaux débats, nouvelles approches sociologiques*, Paris, Ed. du C W R S.
- Iturra, Raul (1990), *A construção social do insucesso escolar*, Lisboa, Escher Publicações.
- Mata, Isabel Figueira (2000), *Sucessos e insucessos de uma experiência pedagógica com jovens em risco de exclusão escolar*, Lisboa (Tese de mestrado).
- Navarro, M. F. (1988). "Intervenções de equipas de saúde para o sucesso escolar", in Jornadas Nacionais de Pedriatia, Aveiro, Novembro de 1998, Lisboa, ENSP.
- Neves, Maria (2004) *A motivação como factor de sucesso/insucesso escolar: uma perspectiva intercultural*, Lisboa, Universidade de Lisboa (Tese de mestrado).
- Plaisance, Eric e Gérard Vergnaud (2003), *As ciências da educação*, Brasil, Edições Loyola, Pinto, Conceição Alves (1995), *Sociologia da Escola*, Lisboa, Mc Graw-Hill.
- Quivy, R. e Campenhautd, L. Van (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.
- Rutter, M. et al. (1979). *Fifteen thousand hours: secondary schools and their effects on children*. London. Open Books.
- Seabra, Teresa (2008), *Desempenho Escolar – Desigualdades sociais e etnicidade*, Lisboa, ISCTE (Tese de Doutoramento).
- Sebastião, João (2006). *Democratização do Ensino, desigualdades sociais e trajectórias escolares*, Lisboa, ISCTE (Tese de Doutoramento).
- Sil, Vítor (2004), *Alunos em situação de insucesso escolar*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Van Haecht, A. (1994), *A Escola à Prova da Sociologia*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Van Zanten, A. (1996), “Fabrication et effets de la segregation scolaire” em S. Paugam (org), *L'exclusion – l'état de savoirs*, Paris, Ed. La Découverte.
- Yin, R. (1989). *Case Study Research: Design and Methods*. London, Sage Publications.

ANEXO 1

Autorização dos Encarregados de Educação

Exmo Senhor Encarregado de Educação,

Sou Professora da Escola E. B. 2º e 3º e estou a realizar um estudo no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) subordinado ao tema: “*Insucesso Escolar: como se produz sob o ponto de vista dos jovens*”.

Neste sentido, solicito que me autorize a entrevistar o seu educando _____ a fim de recolher dados (relacionados com o tema) que me permitam realizar o trabalho baseado em informações o mais reais possível. As entrevistas poderão ser transcritas mas permanecerão sempre anónimas, mantendo portanto a sua confidencialidade.

Agradeço, desde já, a sua compreensão e a colaboração do seu educando.

Com os meus cumprimentos

Berta Belo

Autorizado.

O Encarregado de Educação: _____

Data: _____

ANEXO 2

Guião de Entrevista

Introdução

Sabes porque razão estás aqui?

Preocupo-me com quem tem dificuldades

O que me disseres é muito importante.

Para a conversa ser melhor dava-me jeito gravar. Posso?

Percurso escolar

Há quantos anos estás nesta escola?

Como estás a ir este ano?

(notas, comportamento, dificuldades, faltas)

Escola - Professores - Colegas/turma

Como são os teus professores?

E os teus colegas/turma?

Estratégias de aprendizagem/resolução de problemas

Quando não percebes a matéria, a quem pedes ajuda?

O que fazes?

Acompanhamento da família

Quem é o Encarregado de Educação?

Vem às reuniões?

Os teus pais perguntam ou falam sobre a escola?

Perguntam sobre os TPC?

Reacção às notas/reprovações.

Situação de repetência

Anos que reprovaste e motivos atribuídos a essa situação?

Como foi nesse ano a relação com os professores (lembrar casos, exemplos)?

O que foi particularmente diferente nesse ano (a nível familiar . professores - colegas/turma)?

Futuro

Expectativas familiares: - escolaridade a atingir
- profissão.

E tu? - escolaridade
- profissão

Achas que consegues?

Que mensagem darias aos teus colegas (que não gostam de estudar e que estão em vias de reprovar)?

ANEXO 3

Entrevistas - Transcrição

David, 14 anos, 7º Ano

Como vai a Escola, este ano?

Tem corrido com algumas dificuldades, porque estou em risco de chumbar o ano. Comecei mal o ano, respondia aos professores, era muito falador e mal comportado a Português, a Matemática e a Inglês. Tenho faltas disciplinares. Mas desde o 2º Período tenho tentado melhorar.

Os teus pais vêm à Escola?

Sim, os meus pais vêm às reuniões.

E em casa fala-se da Escola?

Sim, fala-se. Incentivam-me a estudar e a melhorar. Quando tenho notas positivas dão-me os parabéns; quando tenho negativas põem-me de castigo e dizem que tenho que melhorar.

Que pensas disso?

Acho bem.

Quando tens dificuldade/dúvidas, a quem recorres?

Este ano tenho explicações. Fui eu que pedi aos meus pais. Desde que tenho explicações, a partir do 2º Período, melhorei o meu aproveitamento. A Matemática, como agora estou a perceber, até gosto. Quando estou com o meu Pai, a minha madrastra estuda comigo.

Há quanto tempo estás nesta Escola?

Estou há 4 anos. Quando vim para cá só tinha um ou dois colegas que vinham comigo da escola do 1º Ciclo.

Como tem corrido a Escola, até agora?

Mais ou menos. Quando entrei para cá no 5º ano, como já disse, só tinha um ou dois colegas que vinham comigo desde a Escola Primária. Tenho dislexia e por isso tive apoio a Português. Durante o ano tive sempre negativa a Português e a Matemática. A Matemática porque tinha dificuldades. Era muito falador e não estudava muito. No final do ano reprovei a Português, a Matemática e a Área de Projecto.

A Área de Projecto?

Sim. Não apresentei o trabalho e os professores não deixaram entregar noutra altura.

O que pensas desta reprovação?

Penso que a culpa foi minha porque não estudava para os testes. Queria era brincar.

Como reagiste?

Reagi normalmente. Aceitei porque sabia que a culpa era minha. Fiquei com vergonha porque ia ter com colegas, alunos que iam entrar pela primeira vez para o 5º Ano.

E os teus pais?

Reagiram mal, meteram-me de castigo

Como é que correu o 5º Ano, pela 2ª vez?

Estudei mais, comecei a portar-me melhor e passei só com uma negativa a Português.

Como reagiste? E os teus pais?

Ficámos contentes.

No ano seguinte, como foi?

Era do 6º L. Apesar de ser muito falador, passei sem negativas. Este ano conheci pessoas novas, que se portam muito mal, e eu entrei no jogo porque estava sentado ao pé deles. A Directora de Turma mudou-me de lugar, mas o espaço não é muito. No 1º Período tive três negativas; no 2º período tive cinco negativas e agora tenho três: a Matemática, a Português e a Inglês. Não sei se vou passar...

Achas que os Professores têm alguma influência?

Sim, têm. Os que gostam de nós ajudam-nos; os que não gostam, desinteressam-se por nós.

O que é para ti um bom professor?

Aquele que sabe ensinar. Como por exemplo a de Inglês e de Físico-Química, que explica bem, de forma a percebermos a matéria, e que goste de nós.

No futuro o que gostarias de ser?

Gostava de ir para a Universidade. Gostava de ser veterinário ou fotógrafo.

O que achas que os teus pais gostariam que tu fosses?

Gestor financeiro.

Que profissões têm o teu Pai, Mãe e madrasta?

A minha Mãe trabalha na santa Casa da Misericórdia; o meu Pai é economista no ACP e a minha madrasta, não sei. O meu irmão mais velho (20 anos) estuda e trabalha.

Que mensagem gostarias de deixar aos teus colegas?

Que é importante estudar e acreditar que conseguem vencer.

Inês, 15 anos, 7º Ano

Como é que este ano está a correr a tua escola? Este ano lectivo?

Está a correr muito melhor que no ano passado, porque no ano passado tive muitas “negas” e no outro também. Eu acho que este ano vou passar, não é como nos outros, né?.

Estás a fazer o 7º ano...

Pela 3ª vez.

Então estás a fazer o 7º ano pela 3ª vez e achas que vais conseguir passar?

Acho que sim.

Não tens “negas”, é isso?

Tenho algumas.

Gostaria que falasses sobre a turma, professores... colegas. Achas que isso tem alguma influência em relação aos outros anos?

Eu este ano gosto muito da minha turma. O ano passado eu chumbei porque não gostava deles, não queria ficar com eles no 8º ano. O ano passado e o outro foi porque eu não estudava. Os “stores” nestes tempos só dão atenção àqueles que são... que tiram melhores notas, eles só dão mais atenção a esses e aos outros, pronto, não dão.

Então quando tu tens dúvidas, dificuldades, se os chamares e lhes pedires atenção eles não te ajudam?

Sim.

Mas achas que é o suficiente? Porque é que tu dizes que eles dão mais atenção aos melhores alunos e menos aos mais fracos?

Porque nós não..., ai não sei, sei é que os “stores”, pronto, dão mais atenção a esses. Principalmente o nosso “stor” de Físico-Química só liga àqueles que tiram melhores notas, e aos outros deixa para trás.

Quando vocês pedem ajuda, ele tenta-vos tirar as dúvidas ou como é?

Às vezes.

Às vezes como? Explica.

Às vezes ele explica mas, ele tenta explicar mesmo que sejamos nós com a dúvida ele explica outra vez àqueles que tiram melhores notas e deixa-nos ficar outra vez com aquela dúvida.

Como é que os teus pais têm reagido (assistido) a toda esta situação?

Eles ajudam-me a estudar, às vezes. Só que eles não gostam muito que eu tenha chumbado, portanto eles queriam que eu já estivesse no 9º ano ..., pronto, eles ajudam-me.

Como é que eles manifestam essa insatisfação? Castigos?

Quando tenho época de testes, este ano, não posso ir para a rua ter com os meus amigos, tenho que estudar. Tenho que ficar pelo menos cinco dias em casa a estudar. Posso sair durante um bocadinho para a rua, mas depois tenho que voltar a estudar.

E nos outros anos isso não acontecia?

Não, nos outros anos eu ia mais vezes para a rua. Mas como os meus pais se aperceberam que isso não ajudava muito porque eu dizia que ia estudar com eles na rua e isso... , pronto, e eles acreditavam..

Como é que eles reagiram às tuas reprovações?

Eles costumam pôr de castigo, costumam pôr... sem televisão e isso... sem computador não porque é no computador que eu faço os meus resumos.

Utilizas o computador para estudar?

Sim.

Na tua opinião a que é que se deveu as tuas reprovações, tendo em conta o teu empenho, os teus pais, a escola, os professores...?

No primeiro 7º ano eu chumbei porque eu não me interessava muito pela escola, não estudava e isso tudo. Deixava os estudos, pronto, para o lado e ia brincar lá para fora. No segundo 7º ano eu chumbei por causa... que eu não gostava da minha turma, chamavam-me nomes, estavam sempre a me insultar, era mesmo a turma contra mim e eu não queria continuar com ela dois anos seguidos.

O que é que ela tinha contra ti?

Porque eu no ano passado vestia-me tipo “punks” e eles não gostavam disso, e então eles tavam sempre a chamar-me de “punk”, que era estúpida, que eu era parva, que não gostavam de mim, que eu não devia estar na turma deles porque estragava a reputação deles e isso... Mas este ano já é diferente, eles... cada vez que eles me insultam, os do ano passado, eles defendem-me os da minha turma, e isso.

Sentes mais apoio? E se calhar já não te vestes da mesma maneira como te vestias? Mas mudaste o teu estilo porque quiseste ou pela pressão que os teus colegas te fizeram?

Eu mudei pelas duas coisas: porque quis e porque também não queria que me voltassem a chamar isso.

E em relação aos teus professores?

Aos “profs” acho que não.

Eles não tiveram qualquer influência nisso? Quer no primeiro 7º ano, quer no segundo, quer este ano. Não notas diferença nenhuma em relação aos professores?

Alguns “stores” que eu tenho este ano são os mesmos do ano passado, por isso eu acho que continua tudo na mesma.

Portanto achas que ao nível do teu insucesso não foi devido portanto aos professores. Não foram eles que te condicionaram, que tiveram algum papel para que tu viesses a reprovar? Ou foi porque tu não trabalhavas?

Eu reprovei porque não trabalhava e também porque ... No ano passado eu até comecei a tirar boas notas, só que depois comecei a baixar por causa disso.

Os teus pais costumam ajudar-te?

Depende. É que o meu Pai às vezes trabalha de manhã e outras vezes à noite. E a minha Mãe só está em casa de tarde. Então ela ajuda-me quando eu tenho testes, principalmente de Francês, porque ela é boa (nisso), e o meu Pai ajuda-me quando é de Ciências. A minha Mãe, prontos... Eu costumo mais é estudar sozinha.

Se te fosse pedido trocar o papel, seres tu a professora, o que é que tu achas que se poderia fazer a uma aluna no caso do 1º ano em que tu não estudaste, e no 2º ano. O que é que tu achas que o professor ou a D. de Turma te poderia ter feito para tu fazeres o 7º ano?

No 1º ano eu acho que eles poderiam ter tentado ajudar mais os alunos que tinham mais dificuldades e não aqueles que já sabiam a matéria toda. No 2º ano acho que os “stores” podiam contactar com os pais dos alunos, tentar convencê-los que eles estavam a agir mal, e isso.

E isso não foi feito?

Eu falava com a “stora”, mas ela não fazia nada. Só ralhava com eles na aula.

Quais são as expectativas dos teus pais para ti?

Esperam que eu passe de ano.

Mais em relação ao futuro?

Eles querem que eu continue na escola, que esteja até à Universidade... isso eu também quero. Eu não quero sair da escola, só que se não fosse o ano passado talvez eu tivesse passado de ano, para o 8º.

O que é que tu queres ser futuramente?

Dança. Eu queria seguir dança. Só que... depois no 10º ano isso é mais difícil..

Porquê?

Por causa que eu tenho que seguir Artes e eu não sou muito boa.

Achas que a escola tem tudo aquilo que é necessário para te dar apoio?

Às vezes.

Às vezes, como? Explica.

Às vezes podiam ajudar mais. Por exemplo, naquilo do apoio, não podiam... quando nós temos estudo acompanhado como é a “stora” de Português e de Ciências, praticamente nós no estudo acompanhado quando temos só estudamos para outras disciplinas. Eu acho que nós devíamos estudar mais, para as outras disciplinas. Acho que é para isso que serve também.

E vocês não pedem para estudar outras disciplinas?

Pedimos, só que os “stores” já têm lá os papéis, isso tudo, para nós fazermos.

Aproveitas todos os “serviços” que a escola tem? Biblioteca, sala de estudo.

Nem sempre.

Porquê?

Porque a Biblioteca não gostamos muito de estar lá, porque é muito... eu gosto mais de..., pronto, acho que é muito calma, e a sala de estudo porque costumam estar lá turmas, e isso.

Então o que é que tu achavas que a escola poderia ter para que te pudesse ajudar?**O que é que tu sugerias?**

Eu acho que podiam ter assim tipo uma sala para aqueles alunos que já chumbaram e tentar ajudá-los e isso tudo. Por exemplo eles ajudarem-se uns aos outros, os que reprovaram ter mais aulas de apoio, não ser só de Português e de Matemática Por exemplo as outras disciplinas também, porque se não tirar positiva às outras disciplinas e só tirarmos a Português e a Matemática também não se passa.

Os teus pais o que fazem?

O meu Pai trabalha nas piscinas de Ouressa e a Mãe trabalha numa cantina de Massamá.

Álvaro, 17 anos, C. E. F.

Como está a correr a escola este ano?

A escola está a correr melhor em relação ao 7º ano e ao 6º ano, porque vim para o curso alternativo, C. E. F., em informática, área de que eu gosto. Aqui a matéria é mais interessante, as disciplinas são diferentes e eu aprendo mais informática. Monto e desmonto os computadores, deixei de ser insubordinado, porque isto é algo que me interessa e eu gosto. No 1º ano, no ano passado, ainda me portei mal e as notas não foram lá muito boas; tinha Matemática e Português. Este ano tenho-me esforçado e melhorei. Não posso reprovar.

Porquê?

Perdi três anos, já podia estar no 12º ano. Estou arrependido do que se passou para trás. Se soubesse o que sei hoje tinha-me esforçado para passar sempre. Hoje vejo colegas que já estão na faculdade e daqui a três anos têm o seu Curso e uma vida pela frente, e eu ainda tenho que fazer o curso e depois tenho que estudar mais e eles já o têm (curso) e não têm que estudar mais e arranjam um bom emprego.

Gostavas de ir para a Faculdade?

Talvez sim, tirar um curso. O curso universitário é melhor para arranjar emprego.

No passado como correu a Escola?

Eu vim para esta escola no 5º ano (2002/2003). É diferente da do 1º Ciclo. Tem mais disciplinas e eu tinha que me esforçar mais do que estava acostumado. Conheci novos amigos, apesar de ter alguns que vinham comigo desde o 1º ano. Talvez por ser novo brincava nas aulas e tinha falta de interesse. Mas não percebi é porque repeti o 5º ano, porque eu até me esforcei e no final tinha só três negativas, e um amigo meu, noutra escola, que também tinha três “negas” passou e eu não. Até chorei, fiquei muito triste e a partir daí o meu comportamento ficou muito mais irregular. Da segunda vez que frequentei o 5º ano, alguns professores eram mais compreensivos e eu portava-me mal de acordo com as disciplinas e professores de que eu gostava ou de que eu não gostava. No 6º ano tornei-me mais balda ainda, o desinteresse continuava e tinha mau comportamento nas aulas. Reprovei novamente. No ano seguinte fiz o 6º ano e fui para o 7º ano. Continuei na mesma, reprovei, mas como já tinha 15 anos fui para o C. E. F. Nunca gostei muito da Escola, gostava mais de brincar e não queria saber da Escola. Era um sacrifício estar lá.

A turma, os colegas, tiveram alguma influência?

Não, eu é que não gosto da Escola.

O teu mau comportamento devia-se à turma, aos colegas, a quê?

Aos colegas e à turma, não. Eu é que não gosto da Escola. Nas aulas distraía-me, não consigo ficar quieto, tinha desinteresse e não percebia as matérias. Por isso tinha más notas e ficava chateado e o desinteresse pela Escola era cada vez maior.

Nunca pensaste fazer alguma coisa para alterar esta situação? Para teres sucesso?

Quando via que as coisas estavam a correr mal, tentava dar a volta e pensava: tenho que conseguir. Mas depois voltava tudo ao mesmo. O mau comportamento era mais forte do que eu.

Os teus pais como reagiram a toda esta situação?

Os meus pais estão separados desde os meus 4 anos, estou com a minha Mãe. Não lhes contava das notas, mentia-lhes. Um dia é que a Directora de Turma falou com o meu Pai e ele acabou por descobrir que eu mentia em relação às notas. Ficaram zangados e puseram-me de castigo. Disseram que já não tinham mais confiança em mim. Passaram a vir às reuniões.

Os teus pais vinham à escola?

Não, como eu era um aluno razoável (até ao 4º ano) eles achavam que não era necessário ir a reuniões e à Escola.

E qual é a tua opinião, achas bem ou mal vir às reuniões da Escola?

É bom virem à Escola, ficam a saber mais de mim, apesar de eu ficar muito aflito. Mas gosto. Se tivesse um filho eu viria à Escola saber das notas e do comportamento.

Em casa falavas com os teus pais sobre a Escola?

Não se falava. Só às vezes é que a minha Mãe me perguntava, mas eu mentia. O meu Pai não perguntava, porque só estava com ele ao fim de semana e era para passear, não se falava de Escola.

Em relação às reprovações, como é que eles reagiram?

Na primeira animaram-me, mas depois castigavam-me.

E tu, como reagias?

Ficava triste e arrependido, mas já não havia nada a fazer.

Quais as profissões dos teus pais?

A minha Mãe trabalhava numa fábrica de costura, mas agora trabalha num restaurante. O meu Pai arranjava televisões e vídeos, agora tem uma loja de informática.

Quando tinha dúvidas a quem recorrias?

Recorria aos colegas e não aos professores. Tinha medo dos “profs” e não queria ouvir: “chumbaste, já devias saber isto tudo”. Sou tímido e isso tem-me prejudicado nos namoros e no contacto com as pessoas. Envergonho-me. Se não fosse envergonhado perguntava mais coisas às pessoas, aos meus pais. Assim, pergunto aos meus amigos. Fico aflito, tenho vergonha de falar ou pedir coisas, em especial ao meu Pai.

Para ti o que é um bom professor?

É aquele que incentiva a trabalhar em coisas práticas e que é compreensivo. Os outros não me interessam.

Expectativas para o futuro, tinhas? E os teus pais?

Eu não tinha, mas os meus pais deviam querer que eu fosse engenheiro, médico, sei lá... Falavam comigo, mas eu não queria saber, não me interessava.

Em relação às reprovações, o que achas que poderias ter feito para não as teres?

Estudar mais, portar-me melhor e ter mais interesse pela Escola.

E em relação à Escola, o que achas que se poderia ter feito?

Haver mais incentivos da parte dos professores, dizerem-nos a realidade, que temos que estudar porque a vida não está fácil para quem não estuda.

Mas isso não te foi dito?

Foi, mas não liguei.

As tuas reprovações devem-se a quê, em tua opinião?

A mim mesmo e a não gostar da Escola.

Filipe, 14 anos, 7º Ano

Fala-me da Escola actual. Como tem corrido este ano?

Este ano a escola tem sido melhor que o ano passado. Cresci em relação ao ano passado, tenho-me aplicado mais, tenho estudado, tenho feito tudo como deve ser e acho que me tem corrido bem.

Que diferenças achas entre este ano e o ano passado?

O 7º ano como os professores sabem e bem, é mudança de Ciclo e acho que (quando) nós vamos para o 7º ano ainda vamos como se fossemos para o 5º ou 6º ano, e no 7º ano há menos tolerância...essas coisas todas, isso...acho que foi um bocado isso....mas acho que também foi falta de estudo. Eu não estudava, eu pensava que era como no 6º ano, em que as professoras davam tolerância, mas não.

Portanto consideras o 7ºano um ano mais puxado, mais difícil? E que dá mais trabalho?

Sim, acho.

Há quantos anos estás nesta escola?

Há quatro.

Então iniciaste esta escola no 5º ano?

Sim, iniciei no 5º ano.

Então este ano está a ir bem?

Sim, este ano está a ir bem.

Tens-te aplicado mais?

Sim.

O que é que tu quiseste dizer com o “eu cresci”?

Eu comecei a pensar o que queria fazer da minha vida, reflecti sobre o assunto e achei que os meus pais fazem um grande esforço por me ter na escola, para eu ter um emprego, e então eu decidi estudar para depois ter um bom emprego.

Quando é que te apercebeste disso? No ano passado quando reprovaste?

Sim, foi uma surpresa muito grande, ninguém estava à espera.

Então as notas do1º e 2º Período não estavam ali a mostrar uma reprovação? Ou tu achaste que estavam, mas que no final aquilo se ia resolver?

No 1º Período tive cinco negativas, mas no 2º eu tive apenas três e no 3º Período reprovei com três negativas... visto que um professor do ano passado, o professor de matemática, disse-me que ia tirar a negativa no final do Período, mas acabou por não ma tirar e apanhou tudo de surpresa e eu chumbei.

E isso fez-te reflectir?

Sim, fez-me reflectir.

E este ano como vão as tuas notas e o comportamento?

Este ano o meu comportamento tem sido bom, e as minhas notas têm sido razoáveis, não tenho muitas negativas, só tive uma, foi a Físico-Química.

Então este ano estás a gostar mais ou menos da Escola?

Estou a gostar. Sim, estou a gostar mais, percebi que uma pessoa não é preciso estudar muitas horas. Se uma pessoa estudar todos os dias meia hora, já chega...

Se calhar também é importante outra coisa, a questão das aulas? Estar com mais atenção

Este ano estou com mais atenção.

Os teus pais acompanham-te ou não te acompanham nos estudos? Como é?

Acompanham-me bastante. A minha Mãe sempre que há trabalhos de Francês, Inglês, a minha Mãe ajuda-me sempre que é preciso fazer composições, textos, ajuda-me sempre. Já o meu Pai não, porque passa o dia fora, só chega à noite, por isso não está tão envolvido.

O que faz o Pai?

É pedreiro.

E a Mãe?

A minha Mãe é esteticista.

Então a tua Mãe tem mais tempo para ti e vem às reuniões?

Vem, a minha Mãe é que é a Encarregada de Educação.

Portanto a Mãe ajuda a fazer os T. P. C.?

O Pai quando chega à noite se for de Matemática ajuda-me, mas se for de Francês ou Inglês, não.

Em casa vocês conversam sobre a Escola?

Sim, conversamos. O meu Pai chega por volta das 8, mesmo à hora de jantar. Nós conversamos sobre a Escola porque também o meu irmão anda cá na Escola, no 6ºano. Por isso nós conversamos muito sobre a Escola. E os meus pais, a minha Mãe assina os testes. Nunca faltou a uma reunião desde que eu estou na Escola. É uma Encarregada de Educação muito atenciosa, nesse aspecto.

Vocês falam da Escola, do que se passa e do que não se passa e dão-vos conselhos?

Sim, dão-nos conselhos e dizem-nos a mim e ao meu irmão para estarmos sempre atentos nas aulas, para não estarmos a distrair os outros e para não perturbar as aulas.

Reacção dos teus pais às notas? Quando levas notas positivas e quando levas negativas?

Quando são as positivas, os meus pais ficam contentes por mim. Dizem para continuar assim e incentivam-me para tirar mais notas positivas. Quando são notas negativas, os meus pais dizem para eu estudar mais e só se for uma negativa assim muito baixa ou se forem negativas regulares é que me metem de castigo. Mas como eu não tenho levado muitas negativas...só ainda levei uma.

Então os teus pais quando levas uma negativa tentam incentivar-te para a positiva?

Sim, exactamente.

Não fazem aquele discurso... às vezes “és um burro”, "não sabes nada disto"?

Não, incentivam-me. Antes pelo contrário.

Gostas que os teus pais se interessem? Ou achas que era melhor eles não se interessarem porque isto é assunto teu?

Gosto que eles se interessem, porque é sinal que se preocupam comigo e com o meu futuro.

Quando não percebes, quando não entendes, o que é que tu fazes na aula? Qual é a tua reacção na resolução de problemas?

Na aula, se tiver uma dúvida esclareço com o professor no momento em que ele está a explicar a matéria. Meto o dedo no ar e esclareço com o professor. Se eu continuar com a dúvida e a levar para casa, tento esclarecer com a minha Mãe ou com o meu Pai, se for alguma dúvida que eles consigam esclarecer. Se não esclarecem eu vou ao livro, tento procurar lá algumas informações que esclareçam a minha dúvida.

Quando isso acontece (o esclarecer dúvidas), qual é a reacção que tu notas nos teus professores?

Há professores na minha turma que esclarecem de boa vontade e esclarecem bem os alunos. Mas há outros que não esclarecem assim, preferem esclarecer noutra aula, por exemplo, e acabar de dar a matéria.

E na outra aula, fazem a mesma pergunta?

Se for um exercício de Matemática, pode ser no início da aula ou pode ser no fim. Depende. Uns preferem no início da aula e outros preferem no final da aula.

Como preferes? Achas que o Professor deve parar a aula para esclarecer ou fazê-lo no final?

Eu na minha opinião acho que o professor deveria de parar e esclarecer a dúvida, porque além de incentivar um bocado os alunos, mostra que também está disponível para responder a qualquer questão.

Este ano vês isso nos teus professores?

Vejo nalguns, noutros não.

E em relação ao ano passado?

No ano passado via nalguns professores mas, também como disse, há alguns que não esclarecem.

A que é que tu deves/motivos à tua reprovação?

À minha falta de empenho e também à minha falta de concentração nas aulas.

Achas que a responsabilidade é toda tua?

Não.

Ou há mais alguém? Se calhar...

Sim, há mais alguém. O meu Director de Turma do ano passado era Nazi. É um professor que agora já se foi embora para a Alemanha. Esse professor o ano passado eu tinha apoio a Matemática e ele no 3º Período tirou-me o apoio a Matemática e eu depois reprovei.

Foi mesmo ele que depois te deu a negativa?

Foi.

Então ele era o teu Director de Turma, o teu professor de Matemática e tirou-te do apoio e depois deu-te a nota negativa, e tu com ela reprovaste?

Exactamente.

Foi só esse? Não achas mais nada?

Exactamente.

Mais nenhuns professores?

Não, porque de resto era mesmo falta de empenho e falta de concentração nas outras disciplinas (das negativas).

O que é para ti um bom professor? Caracteriza-o.

Um professor ideal, para mim, deveria ajudar sempre os alunos, esclarecer as dúvidas, a mudar, por exemplo, se os alunos não entendessem mudar de estratégia, a fazer aulas diferentes, por exemplo em vez de estar sempre a dar matéria no quadro podia fazer em “power-point” algumas vezes, e eu acho que assim, até ajuda haver diferentes tipos de aulas, acho que até motiva mais.

A nível do grupo, dos teus pares, dos teus colegas, o que é que tu achas? Achas que eles te influenciam ou não a ter sucesso?

Influenciam. Porque se numa turma for tudo muito sossegado e for tudo muito direitinho, ninguém dá piadas, nem isso, a... pode haver só um, mas esse vai-se cansar de estar sempre a dizer as piadas. Mas se houver mais elementos perturbadores, acaba por depois também alastrar ao resto da turma.

E em relação à própria escola? O que é que achas da tua escola?

Esta escola para mim tem várias coisas de bom. Tem uma biblioteca que é um espaço que me agrada muito, tem um clube de línguas...

Costumas frequentar?

Sim, a biblioteca e a sala de estudo. São dois espaços que me agradam muito. O clube de línguas frequentei o ano passado.

Achas que alguma coisa deveria de mudar?

Talvez aumentar um bocado a biblioteca, acho eu.

O que é que há de diferente entre este ano e o ano passado? Em relação à família, à escola, uma vez que este ano não há “problema”?

Os meus pais agora, a minha mãe tá a tirar a carta e por isso ela estuda comigo, sentome, estudo e ela estuda ao meu lado.

Gostas da parceria? Gostas que ela estude ao teu lado?

Gosto, gosto. Dantes não, eu estudava sozinho porque a minha mãe tinha muito trabalho.

E o teu irmão não estuda contigo?

Estuda, mas como ele vem mais tarde...ele é da tarde e eu sou da manhã, encontramos poucas vezes.

Diz-me mais “coisas” que façam com que este ano esteja a resultar melhor?

Em termos de turma tenho uma Directora de Turma de que não tenho razões de queixa dela, ela é super simpática, super atenciosa e ajuda-me muito.

Como?

Como Directora de Turma e como pessoa também.

Mas como? Explica?

Ela dá, mas não só a mim, mas aos outros também, dá-nos por exemplo atenção, esclarece-nos logo ali as dúvidas, e se ainda tivermos dúvidas esclarece mais uma vez.

Faz aquilo que tu consideras/identificas como professor ideal?

Sim, dá-nos fichas de trabalho, muda as aulas, dá algumas em "power point", traz filmes.

Diversifica a aprendizagem?

Sim.

Expectativas para o teu futuro? O que é que tu pretendes do teu futuro?

Eu tou indeciso entre duas profissões que é técnico de informática e geólogo.Tou indeciso, ainda não me decidi, mas uma dessas concerteza que vai ser.

E os teus pais? Que expectativas têm em relação ao teu percurso escolar? O que é que eles ambicionam para ti?

Eles esperam que eu tenha um bom emprego, que tenha uma vida organizada e que tenha um futuro bom. Além de eles me apoiarem em qualquer decisão que eu tome.

Eles esperam então de ti aquilo que tu na realidade pretendes?

Sim, exactamente eles apoiam-me.

E achas que vais conseguir?

Eu tenho esperança que sim. Mas nos dias de hoje...não sei. Espero que sim, tenho esperança disso.

Para finalizar, o que é que houve de novo/diferente em relação ao ano passado, para que as “coisas” estejam a correr tão bem?

Como eu disse há pouco eu cresci muito, ganhei maturidade e também sei que tenho responsabilidade, até com os meus pais e com o andar aqui na escola, sei que tenho que ajudar os meus pais porque sei que eles não me podem por aqui na escola e eu estar aqui

só a passear os livros, como se costuma dizer, eu tenho responsabilidades e espero continuar a cumprir.

O que a escola poderia ter feito para evitar a tua reprovação?

Acho que a escola deveria ter um gabinete de psicologia infantil, acho que deveria ter, porque ali certos alunos...é mesmo o que lhes falta mesmo, para abrirem os olhos e psicologia, porque eles pensam que por tarem numa escola e eles só gostam de vir para aqui para verem os amigos e isso...pensam que a escola é um lugar onde se vê os amigos e pronto e se brinca, mas não, na escola brinca-se mas também tem que se estudar, para estar aqui para ter um emprego e um futuro bom.

Esta ideia é formada por ti ou é a ideia que tu tens depois de ouvires os teus pais ou os adultos?

E a ideia é mesmo minha, porque eu sei o que é reprovar, eu reprovei.

Custou-te muito?

Custou-me muito...mesmo muito. Eu reprovei por isso eu sei e tenho consciência do que fiz e por isso estou a tentar mudar e sei que eu também não era um bom aluno, eu era também um aluno perturbador, por isso eu sei o que é estar na pele dos alunos perturbadores...

O que é que tu fazias?

Eu fazia imensas coisas que perturbavam, desde atirar papeis, chamar os outros, atirar canetas...várias coisas.

Então achas que esse gabinete fazia falta?

Fazia, fazia.

Qual era a atitude dos professores perante essa situação?

Mandavam-me para a rua, para o Gabinete de Mediação.

Nota:

Este aluno após eu ter desligado o gravador referiu que o ano passado pertencia à turma Y, que era uma turma com um “péssimo comportamento”, que no final do ano lectivo a turma foi desfeita e os alunos foram distribuídos por outras turmas, quer os que reprovaram quer os que transitaram.

Referiu, também, ter gostado de gravar a entrevista, “mas que falar com uma professora é um bocadinho complicado”...

António, 14 anos, 7º Ano

Como está a correr a Escola, este ano?

Está a correr razoavelmente. Tenho tido “negas” nos testes, estou negativo a Geografia, História, Físico-Química e Matemática. Mas tenho-me portado melhor nas aulas, estou com mais atenção, não distraio os colegas, e sempre que tenho dúvidas peço ajuda ao professor.

Há quantos anos estás nesta Escola? Gostas?

“Tou” há 4 anos e gosto. Tem boas instalações e sítios de convívio. Devia era ser maior porque é muito pequena, estamos sempre a ver as mesmas coisas.

Como é a tua relação com os professores? Quando tens dificuldades recorres a quem?

Não me sinto à vontade a falar com os professores. Não sei porquê... tenho dificuldade. Este ano só há um com que eu não sinto dificuldade. É uma professora. Ela é divertida, muito aberta com os alunos, sincera, e gosto de falar com pessoas que são honestas e sinceras. Eu sei que ela gosta de mim. Falo com ela quando temos aula.

Vives com quem?

Vivo com os meus pais, irmão e um bebé que está para nascer.

Os teus pais vêm à Escola?

Às vezes vêm os dois, mas quem vem mais é o meu Pai. Vem saber como é que eu estou e quando é chamado pela Directora de Turma.

Gostas que ele faça isso?

Gosto, porque é sinal de que ele se interessa por mim.

Em casa falava-se da Escola?

Fala-se muito de Escola, perguntam como vai, se está tudo bem, fala-se das queixas, das faltas... Não vêm os trabalhos de casa, eu digo que fiz e eles acreditam.

Quando tens dúvidas a quem recorres?

Não recorro aos meus pais, porque não é costume, recorro à Internet, falando com os meus colegas e eles explicam. Ou então peço ajuda ao meu irmão. É mais velho, está no 11º Ano, e também me dá conselhos.

Que conselhos?

Aconselha-me a não desrespeitar os professores, porque são eles que têm a faca e o queijo na mão. E que temos que andar na Escola para termos um futuro melhor.

O teu irmão já reprovou?

Sim, no 9º e no 10º ano.

Como reagem os teus pais às negativas?

Reagem mal. Dizem que eu não estudo e que estou na Escola por andar, que não me esforço. Fico triste porque não é verdade, eu esforço-me o máximo.

Como é que aconteceu a reprovação no 6º Ano?

Reprovei no 6º ano por implicação das minhas professoras de E. V. T. Não gostavam muito de mim, implicavam comigo sem eu fazer nada. Mesmo estando quieto e calado, elas implicavam comigo. E também porque tive negativas a Português e a Matemática. A Matemática eu não sou lá muito bom, mas a Português foi por causa do comportamento. Levantava-me sem autorização, falava muito, tinha muitos recados na Caderneta. Tentava aplicar-me, mas não me esforçava tanto como este ano...

Como reagiram os teus pais à reprovação?

Eles sabiam que eu não ia passar, porque a Directora de Turma foi dando a informação da possível reprovação. Mandavam-me estudar, mas eu não ligava muito. Não me esforcei lá muito....

Em tua opinião, a reprovação deveu-se então a quê?

Às negativas, ao comportamento. Numas disciplinas portava-me bem, noutras não. Portava-me bem nas aulas que gostava: Inglês, História e Educação Física. Mas também se deveu aos meus colegas, porque eu tinha um grupo de colegas e ia muito com eles na brincadeira da sala de aula e, por isso, reprovei e eles também. Deveu-se também às professoras de E. V. T. não gostarem de mim. Mas fez-me bem, para abrir os olhos e ter melhores objectivos: passar sem negativas e ter bom comportamento. Comecei a portar-me melhor e passei a ter só uma negativa.

Este ano como tem corrido o ano?

O meu Pai não acredita que eu vou passar este ano. Acha que eu me porto mal e que não me esforço e que não me comporto bem. Mas eu esforço-me para ter um bom comportamento. O meu Pai não acreditar em mim faz com que eu fique triste e desanimado.

No futuro o que gostarias de ser?

Quero ser futebolista.

Os teus Pais que profissões têm?

O meu Pai é operário químico e a minha Mãe trabalha num restaurante.

Que mensagem deixarias aos teus colegas?

Dizia-lhes para terem juízo, não irem nas ondas dos colegas e quando virem que os colegas vão por maus caminhos, chamarem-lhes a atenção.

Afonso, 16 anos, TCA

Então João diz-me lá como é que tem corrido a escola este ano?

A escola tem corrido bem...tenho tirado boas notas, acho que o ensino dos professores está mais fácil, consigo acompanhar melhor a matéria, tenho melhor compreensão sobre as coisas que os professores dizem e acho que está tudo bem.

E a nível de comportamento, de colegas...

No comportamento já melhorei bastante, já fui pior...colegas também dou-me bem com eles, sinto-me bem na turma, também tá tudo bem.

Há quantos anos estás nesta escola?

Já vai fazer cinco, se não me engano.

Quais foram os anos em que tu reprovaste?

No sétimo.

Quantas vezes?

Uma.

O que é que tu achas em relação a este ano e ao teu 7ºano, uma vez que estás no 8º. Qual a diferença que existe e porque razão é que tu, então, reprovaste?

A diferença que existe é que eu vim para uma turma de currículos. Naquela altura era uma turma normal, achava que era um bocado difícil acompanhar a matéria, os professores eram mais exigente com o trabalho, não acompanhava bem as aulas, outras vezes fazia de conta que não estava lá. Agora não, agora acho que está tudo mais fácil e consigo.

A que é que tu achas que se deveu esse teu insucesso? Porque é que tu reprovaste?

Nesse ano?

Sim. Nesse ano?

Nesse ano não queria saber muito da Escola, às vezes quando tirava negativas já não... valia, acho eu, a pena levantá-las, não ligava sequer ao que os professores diziam, chegava a casa nem sequer estudava, nem fazer os trabalhos de casa, na escola também depois portava-me muito mal também.

Tinhas consciência disso? Porque é que tu não dizias assim:”eu estou a ir pelo caminho errado porque é que eu não mudo”?

Influenciava-me, também, por causa pelos meus colegas da altura.

Que são diferentes dos deste ano?

Sim, são muito diferentes. Influenciava-me, ia atrás deles também, mas depois quando reprovei o ano é que comecei a ver as coisas.

Começaste a pensar doutra maneira?

Exactamente.

Ao nível da tua família, costumava vir à escola?

Sim, a minha mãe vinha cá à escola para saber como é que eu estava, perguntava todas as semanas, quase, à professora se eu ia bem nos estudos cá na escola, no comportamento tudo e o meu pai também preocupava-se... muitas vezes.

Então lá em casa, eles não te faziam nada para que tu pudesses recuperar? Uma vez que eles vinham à escola, todas as semanas?

Depois lá em casa comecei a ficar de castigo, cortaram-me várias coisas...depois se eu reprovasse o ano é que não jogava mais futebol, mas não foi isso que aconteceu, continuei a jogar.

E porque terá sido que isso aconteceu? Deram mais uma oportunidade.

Os meus pais quiseram dar-me mais uma oportunidade.

Significa que os teus pais em casa conversavam contigo sobre a escola, sobre os T.P.C. sobre todo o ambiente da escola.

Sim, sobre a vida no futuro.

E tu não ligavas nenhuma?

Sim, às vezes não ligava. Agora já sei o que é.

Quando não percebes ou não percebias as matérias, a quem é que tu recorrias?

Ah, quando não percebia as matérias, nessa altura do 7º ano, não recorria a ninguém, achava que não tinham interesse pronto.

Não valia a pena?

Não valia a pena, sim. Depois tirava más notas.

E depois ficavas aborrecido?

Sim às vezes ficava aborrecido.

E depois menos vontade tinhas de estudar?

Pois, pois aí quando reprovei depois já foi o meu outro 7ºano, já foi tudo diferente, já levantei as notas, já tinha...

Então tu chegaste a fazer o 7ºano? Fizeste o 7ºano reprovaste e voltaste a fazer o 7ºano e agora estás no 8º do currículo, mas fizeste o 7ºano como qualquer aluno dito "normal", é isso?

Não. Não, desde o 7ºano que entrei para isso do currículo.

Então o primeiro 7ºano foi normal, foi aí que tu reprovaste e depois quando foste repetir o 7ºano já foste para um 7º de currículo?

Isso.

Então não pedias ajuda a ninguém, não querias saber de nada e agora, hoje em dia como é que tu fazes?

Agora sempre recorri aos professores, sempre que tivesse dúvidas ia pedir ajuda a algum professor ou algum colega que soubesse, sempre assim.

Interessaste-te por tirar as dúvidas?

Sim.

A tua reprovação atribuis a quê? A que foi devida?

A minha reprovação do 7ºano foi muito mau comportamento e notas muito baixas e pouco interesse pela Escola.

Atribuis isso só a ti? Não achas que possa haver mais alguma coisa, que tenha a ver com isso? Professores, colegas, pais, escola. Ou foste tu o único “culpado”?

Sim.

Nesse ano como era a tua relação com os professores era boa ou não?

Com alguns, sim.

Com quais? Porque é que com uns era boa e com outros não era tão boa?

Talvez, me desse melhor... tinha mais simpatia para com uns professores do que com outros. Talvez como eu me portava mal e os professores não gostavam, talvez...

Entravam um pouco em atrito?

Sim.

Em relação ao actualmente, que diferenças vês nos professores, nos colegas e na turma?

Nos professores, é que já me dou melhor com eles, e ...compreendo o que os professores dizem. Normalmente eles falam que às vezes nós estamos a fazer errado e nós já percebemos. Em relação à turma ainda não está muito boa, falta-nos ainda alterar os comportamentos de alguns mas acho que está tudo bem.

Que expectativas tens para o teu futuro?

Ah, expectativas...

E os teus pais? O que é que eles esperam de ti?

Ah, agora já esperam muita coisa...

O que queres dizer com “muita coisa”?

Querem que eu seja uma grande pessoa no futuro. Como tal...quero ser engenheiro, os meus pais agora...apoiam-me nisso.

Investem em ti?

Sim.

Queres ser engenheiro quê?

Quero ser engenheiro informático.

Qual é a profissão dos teus pais?

A minha mãe agora não trabalha, porque tenho um irmão pequeno, agora. Por isso é doméstica. O meu pai é ladrilhador.

Eles falam contigo sobre a necessidade dos estudos, para poderes vingares na vida?
Sim, dizem sempre que “sem estudos não és ninguém”.

Estás a pensar em ir até à faculdade?

Sim.

Que mensagem/conselhos deixarias a colegas teus que têm o mesmo comportamento e atitudes que tu tinhas no 7ºano?

Ah...que dessem mais valor aos estudos...que não é como eles pensam que estudar não vai a lado nenhum, como agora. Pois quando querem vir a estudar já pode ser tarde de mais e acho que deviam ganhar mais interesse pela escola, como há alunos que não...nem se quer querem saber da escola.

Como é que tu achas que um professor, uma pessoa ou alguém podia fazer para que esses alunos tivessem mais interesse pela escola?

Tal como nos fizeram a nós, facilitarmos mais os estudos, ser menos exigentes, trabalhos mais fáceis de realizar, talvez isso ajudasse alguns alunos que não lhes interessa muito a escola.

Carlos, 16 anos, TCA

Como está a correr a escola este ano?

Este ano tá a correr bem, tenho boas notas. Tenho é faltado um bocado, custa a acordar cedo. Não tenho tido dificuldades e tou a gostar. O que me faz gostar é os professores ensinarem de forma que eu percebo.

Quando percebes, a quem recorres?

Quando não percebo recorro a colegas meus, à professora, se der... ou peço a outros professores, de estudo Acompanhado.

E no passado, como foi a tua vida escolar?

Foi mais ou menos. No 3º ano reprovei. No 2º Período até tinha boas notas, mas os meus pais separaram-se e eu comecei a tirar más notas porque eles se separaram. Ainda fui à Psicóloga....

Como reagiram os teus pais?

A minha Mãe ficou triste e o meu Pai também.

E depois como foi a tua vida escolar?

No 7º ano voltei novamente a reprovar por causa das notas, que desde o 5º ano vinham a baixar. Estava sempre distraído, falava muito. Os colegas chamavam-me e eu ia atrás. Os professores alguns eram bons, cumprimentavam-nos e explicavam a matéria a um de cada vez. Outros já não, não eram muito atentos aos alunos.

Os teus pais, Encarregados de Educação, vinham à escola?

Às reuniões vinha a minha Mãe.

Em casa falava-se da Escola?

A minha Mãe perguntava pela Escola, como estava a correr, e pelos T. P. C.

Como reagiram os teus pais às reprovações?

Quando foi no 3º ano, perguntaram porque é que eu tinha reprovado. Eu expliquei a razão e eles pediram-me desculpa. No 7º ano, ficaram muito tristes, chateados comigo. A culpa foi minha, não estudei. O meu Pai falou comigo e disse que se eu reprovasse outra vez iria ficar muito triste. A minha Mãe ralhou-me e pôs-me de castigo.

Então este ano estás a estudar mais?

Sim. A turma é boa, apesar de haver alguns alunos problemáticos. Ajudamo-nos uns aos outros. Às vezes portamo-nos mal porque não gostamos de alguns “profs” ou da matéria.

No futuro, o que gostarias de ser?

Queria ser desenhador, trabalhar em pinturas, design, ou na Restauração. Gostava de ir para a Faculdade, mas é difícil, acho que não consigo, por causa das notas. Tinha que me esforçar muito.

Os teus pais, o que achas que eles gostariam que tu fosses?

Não sei, mas gostariam que eu tirasse um curso superior.

Que profissões e habilitações têm os teus pais?

A minha Mãe tem o 7º ano, fez um curso de Inglês e trabalha na Hotelaria. O meu Pai tem o 4º ano, fez um curso de jardinagem e é jardineiro. Quando estou com ele trabalho com ele.

Que mensagem deixarias aos teus colegas para eles terem sucesso?

Eles que estudem mais, se portem bem nas aulas. E aos pais para controlar os estudos, os TPC e aquilo que eles fazem nas aulas.

Rui, 16 anos, TCA

Olá, obrigada por me concederes esta entrevista. Como é que este ano está a correr a tua escola?

Está muito bem, não tive negas e... penso que vou passar.

E a nível de professores e turma como é que este ano está a correr a escola? Sem ser só a parte das notas.

Está tudo bem. Dou-me bem com todos e... todos os professores também se dão bem comigo.

Há quantos anos estás nesta escola?

Quatro.

Gostas ou não gostas?

Gosto.

Em casa os teus pais acompanham-te ou não? Isto é, eles vêm às reuniões ou não? Falam contigo sobre a escola? Interessam-se pela escola?

Tem dias, tem dias.

O que queres dizer com o “tem dias”?

Pronto, a minha Mãe às vezes está preocupada e isso. Pergunta se está tudo bem. Mas é só a minha Mãe.

E é só a tua Mãe? E então o teu Pai?

Estão separados.

Então vives só com a tua Mãe?

Isso.

E quando estás com o teu Pai, ele não pergunta pela escola?

Às vezes sobre as notas de Matemática, que ele também é bom nisso.

Como é que os teus pais reagem às tuas notas? Se são boas ou se são más? Se te portas mal?

A minha Mãe diz que eu podia sempre fazer melhor e o meu Pai, pronto, apoia-me e isso tudo. É diferente.

E quando tens dúvidas a quem recorres?

Recorro aos meus colegas ou... a mim próprio.

Não recorres aos pais?

“Disse que não com a cabeça”.

Qual é o grau de escolaridade da tua Mãe?

Acho que é o 12º ano.

E do teu Pai?

Também.

O que é que eles fazem?

O meu Pai é Arquitecto e a minha Mãe é Segurança na PROSEGUR.

Que idade é que tu tens?

Quinze.

Quais foram os anos em que tu reprovaste?

No 3º e no 7º.

Então dois anos? No 3º ano o que é que aconteceu?

Chumbei por faltas. Fui viver com o meu Pai durante dois anos.

Mas foi devido à separação? Foi nesse ano que se separaram e que tu foste viver com o teu Pai?

Não. Já estavam separados, só que depois eu quis ir viver com o meu pai.

E depois?

Chumbei lá por faltas e depois fiz outra vez o 3º ano.

E porquê?

Chegava sempre tarde. Quando chegava já eles estavam no recreio.

Era porque tu não querias ir ou era porque o teu Pai se atrasava?

Não, eu queria. Atrasávamo-nos os dois.

Tanta vez faltaste que acabaste por reprovar.

Sim.

Como é que tu reagiste a essa tua primeira reprovação?

Senti-me mal... depois tinha que repetir tudo de novo.

E o teu Pai como é que ele encarou... uma vez que em certa medida é um pouco responsável?

Também ficou em baixo.

E a tua Mãe?

Ainda pior.

Então depois repetiste o 3º ano, passaste para o 4º ano...

Depois no 4º ano já estava aqui com a minha Mãe outra vez.

Por tua livre vontade, ou porque a tua Mãe achou que era melhor porque o teu Pai não te punha a horas na escola?

Pois, é isso.

Então no 5º ano vieste aqui para esta escola.

Fiz o 5º, 6º e 7º.

O que é que aconteceu no 7º?

Tive duas “negas”, andava só a brincar e pronto... distraí-me um pouco.

Explica-me melhor o que é que aconteceu no 7º ano. Porque é que andavas a brincar? Eras um aluno “certinho” e reprovaste no 3º ano porque o teu Pai não te levava a horas para a escola. O que é que aconteceu?

Fui para uma turma, pronto..., que só queria era brincar.

No 7º ano calhaste numa “má turma”?

Sim.

Havia muitos repetentes?

Não. Pronto, eu andava só a brincar, não queria saber.

Porque é que tu dizes que essa turma era uma “má turma”?

Só fazia disparates.

E portanto eras tu e mais...?

Mais alguns.

Não era por serem repetentes?

Não.

Era então pela turma em si. Juntaram-se uns tantos que só queriam brincar. E tu...

Pronto, e eu fui atrás.

E nunca te apercebeste pelas notas que baixaram?

Só me apercebi quando estava mesmo no final. Comecei a fazer tudo certo depois, mas já não deu tempo.

E a D. T. nunca te alertou, ou a tua Encarregada de Educação que as notas baixaram?

Baixaram um pouco, só tive duas “negas”. Tentei recuperar algumas e essas duas foram Português e Matemática. E pronto, logo chumbei.

Quais são os motivos a que tu deves essa reprovação no 7º ano?

Distracção e não querer saber. Muita brincadeira, estar sempre desatento nas aulas e não fazer nada, basicamente.

Mas não achas isso um bocado estranho, para um aluno que era tão regular, de um momento para o outro passar de um extremo para o outro?

Esse ano foi um bocado mau.

Foi mau porquê?

Por causa dos alunos da turma, também só faziam disparates, pronto, chamavam-me para a conversa.

E esses alunos deixaste-os ou estão agora contigo na turma?

Não, eles passaram para o 8º e eu chumbei.

Eles acabam por passar e tu ficas...

Alguns, alguns passaram.

Mas alguns estão contigo nesta turma?

Claro.

Esse ano em relação aos professores, o que é que tu tens a dizer?

Não gostava de uma professora.

Não gostavas de uma professora?

Não gostava da maneira que ela dava aulas.

Se calhar era uma das professoras a que tu tiveste negativa. E calhar a Matemática ou a Português?

Foi.

Então e a outra? Vamos supor que é a de Matemática, não interessa...

E é.

Então e a de Português?

A de Português copiei no último teste e depois fui descoberto e pronto...A “stora” viu os testes iguais, tudo igualzinho e depois fui humilhado.

Nesse ano a relação com os teus professores era boa?

Com alguns professores.

O que é que tu tens esse ano a dizer por exemplo em relação aos professores?

Alguns professores, pronto, gostava deles, eram bons professores, e são. Alguns, pronto, já não tenho a mesma opinião.

O que é para ti um bom professor?

Então é que, pronto, ensina bem. Mesmo que o aluno tenha dúvidas volta a ensinar as vezes que forem precisas. Esteja sempre lá a apoiá-lo. E que seja simpático também.

E um mau professor?

Mau professor.

Vamos supor o caso desse professor ou professora de Matemática, que tu dizes que não gostavas lá muito dela.

Acho que a “stora” não... dava aulas mas não era por prazer. É por estar ali por estar, será obrigada.

Tu achas que os alunos sentem isso?

Eu pelo menos senti.

Como é que a tua D. de Turma e os professores reagiram ao ver “perder um aluno”? Tentaram dar-te a mão, agarrar-te, ou deixaram-te ir?

Não tive hipóteses, né?

Mas sentiste alguma preocupação da parte deles em segurar-te, dar-te a mão?

A Directora de Turma.

Ou ele porta-se mal, pronto, paciência.

Não, quase não. Só por duas pessoas e essas duas as disciplinas mais importantes.

E tu ainda não te tinhas apercebido disso, se calhar, que ias reprovar a Português e a Matemática.

Não, eu não sabia que tinha essas duas “negas”.

Em relação ao 7º ano do ano passado, que diferenças é que houve?

Nas férias estive a treinar, é isso, estive mais atento, fora de brincadeiras, estudei muito, andei muito atento às aulas e não tive nenhuma “nega”.

E em relação aos professores desse ano?

Foram todos bons.

E a turma?

A maior parte, pronto, só quer é brincadeira e insultam-se uns aos outros e... no meio da aula e... pronto. Agora alguns são assim, sossegados.

Então tu aprendeste com o passado a não ir nas brincadeiras.

Aprendi.

E este ano as coisas estão a correr bem?

Não vou ter “negas”, vou passar para o 9º. Está a ser um ano bom.

Quais são as tuas expectativas de futuro? Queres chegar até onde?

Gostava de ser informático.

Engenheiro informático?

Sim.

Então esperas fazer o 12º ano e entrar numa Faculdade?

O 12º ano e depois vamos lá ver.

Os teus pais que expectativas têm para ti, sabes?

Não.

Tens irmãos na escola?

Já tive, já tive.

És mais novo que eles?

Sim, sou. Todos eles têm mais de 20 anos.

E eles também tiveram reprovações?

Tiveram.

E tu não te dás com eles?

Dou quando vou para o meu Pai, nos fins-de-semana quando vou para ele.

**Então no ano em que as coisas estavam mais tremidas não te chamaram a atenção?
Não te deram conselhos?**

Não.

Gostava que deixasses uma mensagem a outros colegas teus que estão como tu estavas naquele “célebre” 7º ano. Que conselhos tu lhes darias?

Bom, que estudem. Que estudem mesmo, que não andem na brincadeira dentro e fora da escola. E, pronto, estar sempre atentos nas aulas e fazer tudo o que os professores dizem.

Para finalizar, a causa do teu insucesso nesse 7º ano deve-se portanto a quê?

À brincadeira.

Tiago, 16 anos, TCA

Qual é a tua idade?

15 anos.

Há quantos anos estás nesta escola?

Dois e meio. Vim no 2º período do 6º ano.

E vieste de onde?

Do Montijo.

Como é que este ano está a correr a tua escola?

Bem.

Bem, como? A nível de notas, comportamentos, dificuldade, faltas...?

Está a correr bem, mas podia ser bem melhor.

Então porquê?

Porque sim. Às vezes, por exemplo, eu quero aprender e pronto há pessoas da minha turma que implicam e chamam nomes e não sei quê... Pronto essas coisas... por exemplo a “stora” de Físico-Química diz que eu às vezes não faço perguntas com medo de que os outros gozem. É as tais coisas, nas aulas de Matemática a gente não consegue fazer nada porque eles estão todos aos gritos e isso... e coisas assim... a gente podia aprender mais Matemática se... eles não estivessem sempre assim.

Estás a querer me dizer que a turma é um bocado agitada, não permite que vocês consigam aprender tudo aquilo que poderiam aprender. Tens consciência de que poderias aprender muito mais do que aquilo que estás a aprender. Mas está a correr tudo bem?

Está.

Quantas negativas tens este ano?

Acho que não vou ter nenhuma. Mas se tiver também é só uma, porque é a Formação Cívica. Por causa da “stora” que meteu tipo uma regra que é quem tiver mais do que uma participação tem “não-satisfaz” e se for assim... Já a “stora” o período passado eu tive uma e a “stora” deu-me “satisfaz-bem. Então este também deve dar “satisfaz-bem”.

E a nível de faltas?

Não, sou exemplar.

Como é que são os teus professores este ano? Como os defines? O que achas deles?

Há professores... eu posso dizer que tenho alguns dos professores melhores da escola, mas também posso dizer que não tenho assim os melhores professores da escola.

Explica melhor?

Por exemplo, há professores que exigem mais regras, são mais exigentes e nós temos notas altas, altíssimas. E há outros professores que deixam, pronto, eles vão evoluir, não

sei quê...vou deixar eles brincarem um bocadinho e isso, tam como as aulas de Matemática...são vergonhosas.

Estás-me então a dizer que preferes aquele professor mais exigente àquele que dá mais regras, porque tu vês que com esses tu consegues ter melhores resultados?

Vou dar um exemplo: nas aulas de Físico-Química a “stora” dá a matéria, não sei quê. Se alguém fizer uma pergunta ninguém vai gozar porque sabe que se gozar a “stora” grita ou manda para a rua ou assim. Por isso, eu posso fazer as perguntas que eu quiser à vontade que a “stora” vai-me responder e ninguém vai gozar. Já a de Matemática se eu fizer uma pergunta: professora, quanto é que é dois + dois e ela diz-me que é quatro, vão estar todos a gozar comigo e a “stora” diz: ah calem-se, não sei quê, calem-se, mas continuam... e a “stora” deixa andar.

Então gostas mais, do que eu estou a perceber, do professor mais rígido, com mais regras?

Mais exigente, sim.

O que é para ti um bom professor?

É aquele que diz muitas regras, dá a matéria bem e é divertido.

E o mau professor?

Mau professor então é aquele que deixa nós só falarmos, falarmos, e deixa, pronto, dá a matéria, não se importa se a gente aprende ou não, o que interessa é dar a matéria.

Os teus pais, encarregado de educação, acompanham-te na escola? Vêm às reuniões, falam contigo sobre a escola? Como é que é ?

Falamos em casa. Por exemplo, ela não pergunta todos os dias”então como é que correu a escola” e isso, mas quando tenho testes, ou assim, ela diz-me ”como é que correu o teste ou assim, e eu mostro-lhe o teste “olha tive esta negativa ou assim. Olha se tiras mais uma negativa ficas de castigo” e eu já sei: para a próxima já não tiro negativa.

Aplicas-te mais?

Sim.

Como é que os teus pais reagem às tuas negativas?

Reagem normal. Pronto, tiramos uma negativa, tudo bem, para a próxima se tiras ficas sem o computador, sem telemóvel ou assim, acaba-se isto ou aquilo.

Castigam?

Sim (o aluno fez o movimento afirmativo com a cabeça).

E quando tiras bons resultados?

Já não têm nada a dizer. Mas quando eu quero uma coisa eles dizem-me sempre assim: “Então e a escola, não sei quê, então já não te lembras quando eu tirei aquela positiva ou assim... e depois ele já coiso.

Quando tens dificuldades na matéria, quando não percebes, tens uma dúvida, o que é que tu fazes? Quem é que te ajuda?

Nesse aspecto eu tenho sorte porque tenho o meu primo que é do 10 ° ano e a minha namorada é do 9°. Porque se eu tiver uma dúvida a minha namorada tira-me. Se é alguma mais... mais difícil o meu primo tira-me. E se for assim alguma muito complicada peço ao meu Pai ou à minha madrasta, ou assim.

E aos professores, não pedes?

Depende do professor.

O que é que isso quer dizer?

Também não lhe sei explicar lá muito bem. Por exemplo, eu vou voltar à “stora” de Físico-Química, porque é a professora de que mais gosto. Ela tem uma maneira de explicar, é diferente das outras. Por exemplo, ela explica o ar. O ar é uma coisa onde se pode encher os balões ou assim. Ela explica de uma maneira em que eu consigo compreender de uma forma divertida.

Ela explica de uma forma acessível, que vocês compreendem?

Sim, ela consegue explicar coisas simples... não coisas complicadas. De forma simples, é isso.

Então depende do professor. Se tu te sentires mais à vontade com o professor recorres ao professor; se for aquele com quem não simpatizas muito, já não recorres a esse professor.

... muitas dificuldades.

Se for uma dúvida a matemática a que é que tu recorres?

À minha namorada ou prima, à minha madrasta ou só se eles mesmo não souberem é que vou ter mesmo que ir ao meu Pai ou à professora.

Quantas vezes é que tu reprovaste?

Duas.

Em que anos?

4ª e 5°.

No 4º ano, ainda te lembras? O que é que se passou? Gostaria que me explicasses?

A minha Mãe tinha alguns problemas cá em Portugal e tivemos que ir um tempo para o Brasil. No entanto reprovei o ano. Isso foi no 5°, isso foi no 5°. No 4º ano a “stora”... acho que era agredida pelo marido em casa e isso, e depois descarregava em cima da gente, na aula. Por exemplo chegava ao quadro, não sabia aquilo... e ela dava, assim, nas orelhas.

Então nesse ano ela reprovou os miúdos todos?

Havia... assim... gente esperta que sabia aquilo, e isso.

Então os mais fracos ficaram?

Sim.

Nesse 4º ano, tu vives com o teu Pai e com a tua Mãe, apesar de já teres falado de uma madrasta?

4º ano já estava... sim isso também causou alguma coisa porque os meus pais divorciaram-se nesse ano. Já era mais uma e depois ia para a escola, já sabia: lá está a tal professora, não sei quê. Lá vou eu ter que ir.

A relação com a professora não era das melhores.

Eu tinha pavor de ir à escola.

Tinhas pavor porquê?

Porquê? Por causa da professora, porque já sabia que ia para a escola e ela ia-me bater, ou não sei quê.

E não dizias nada aos teus pais?

Não.

Não? Porquê?

Sei lá, não sei, nunca lhes contei. Agora eles sabem, mas...

Então esse ano reprovaste pelo motivo de os pais estarem a divorciar-se e pelo caso da professora?

Sim.

E só tiveste esse ano essa professora?

Sim.

E depois no 5º ano o que é que se passou? Reprovaste no 5º ano porquê?

Por causa da minha Mãe.

Então, o que é que aconteceu?

Então, ela teve problemas e tivemos que ir um tempo para o Brasil. Esse tempo foi... acho que foi dois meses, e reprovei.

Nesse ano, no 5º ano, tu já estavas a viver com a tua Mãe. Como a tua Mãe estava com problemas levou-te para o Brasil.

Eu também já não era assim grande aluno. Eu hoje posso dizer que sou um bom aluno, pronto, tiro notas boas, razoáveis, pronto, sou um bocadinho certinho sim. OK, mas também tenho a minha namorada que me deu uma grande ajuda Ela é para mim um exemplo.

Explica lá isso melhor.

Por exemplo, ele tem uns pais que ajudam a ela e isso. Ela é toda certinha e isso, e eu tento seguir o exemplo dela. Não tento, por exemplo, andar sempre cheio de participações disciplinares, de mau comportamento, ou falar mal com as pessoas, ou coisas assim. Eu tento, por exemplo... eu tento portar-me bem ou assim, coisas que ela se orgulhe de mim, não pelo mau aspecto, pronto, nesse ano não havia assim nada que me fizesse... por exemplo eu ir para a escola, saía naquela coisa de “ah, hoje vou sair, vou sair mais cedo, a “stora” vai-me mandar para a rua ou assim. Lá naquela escola não existia as coisas aqui, que era suspenso ou assim. Só se por exemplo se andasse aí à

pancada ou roubasse, ou assim. Não por ir para a rua, pronto, era uma falta, ou se calhar nem levava falta, ia para a rua por ir, porque estava a fazer mal dentro da sala. Pronto, às vezes eu fazia isso mesmo de propósito. Metia-me com as professoras, falava mal, mesmo para ir para a rua.

E foi por isso que tu reprovaste o 5º ano?

Sim.

Não tem nada a ver com a turma, com os colegas, com os professores?

Não.

Estavas assim nessa de ir para a rua, de faltar...

Não, faltar também não faltava, mas ia para a rua porque achava piada, os outros faziam... os outros faziam e eu, pronto, achava piada. Às vezes, não sei quê, então vamos fazer também, hoje vamos para a rua os dois. Não ia só um sozinho para a rua, né?

Então vocês combinavam a saída da sala de aula para irem brincar. Era isso?

(O aluno fez com a cabeça um gesto afirmativo)

Para além disto, nesse 5º ano, vais para o Brasil com a tua Mãe e depois como regressas?

No fim (do 5º ano)... ainda cheguei acho que era a meio do 3º Período, e prontos, já não fui mais à escola. O ano também estava a acabar. Não fui mais à escola e reprovei.

Então tu reprovaste o 5º ano porque vais para o Brasil. Quando regressas não vais mais à escola e vens para o teu Pai? A tua Mãe fica lá?

No Brasil, não, não. Ela volta.

Como é que tu no 5º ano vais para o Brasil com a tua Mãe, regressas com a tua Mãe no final do 3º Período e essa parte que tu dizes que te portavas mal com os colegas, para saíres...?

Era do 1º e 2º Período.

Mas lá no Brasil?

Não, cá em Portugal.

Mas quanto tempo estiveste no Brasil?

Dois meses, dois meses só.

Então tu fazes cá o 1º e o 2º período?

Acho que sim. Sim.

Então é no 3º período que vais para o Brasil?

Sim.

Refere-me então esse primeiro 5º ano. Tu reprovaste por que motivos?

Por eu ser mal comportado, e isso, e depois por ir para o Brasil.

Nesse ano em que tu te portavas mal, qual era a relação que tu tinhas com os teus professores?

Nesse 5º ano era uma relação, pronto, eram umas pessoas para mim não era sinal de respeito ou assim, eram umas pessoas para que eu ia lá e eles ensinavam-me qualquer coisa. Quando eu estava farto começava a falar ou assim. A professora dizia “cala-te” e eu... “mas calo-me porquê”. E ela dizia “rua”. E eu “ainda bem, vou jogar à bola ou assim, saio mais cedo, vou para casa”.

Como é que a tua Mãe e o teu Pai reagiram a esta reprovção?

O meu Pai não tinha muito contacto comigo, por causa da minha Mãe. Não se davam muito bem. E a minha Mãe tinha uma Empresa que era grande e isso, também não dava muito tempo para mim, e pronto.

No início do outro 5º ano regressas a Portugal e vais viver com a Mãe ou com o Pai?

Acho que com a minha Mãe, e esse ano passei.

O que é que esse ano teve de diferente do outro ano?

Já não me lembro.

Tinhas o mesmo comportamento?

Acho que não, acho que me apliquei mais.

Já não te lembras bem?

Já foi há 4 anos...

Entretanto passas do 5º para o 6º ano. Lembras-te de alguma coisa?

Sim, o 6º ano foi lá no Montijo e pronto, eu comecei a piorar outra vez, a já não querer saber da escola, e no 1º período tive oito negativas. O meu Pai disse: “OK então vens para cá e vamos ver se tu recuperas. Depois no 2º período já tive menos e no 3º período já consegui passar.

Então o teu Pai vê-te com essas negativas e dá-te a mão. E a tua Mãe, reagiu bem?

Não, porque a minha Mãe nessa altura arranjou um namorado e teve uma filha, mais uma. E queria ir viver com ele para Coimbra, e eu tinha que estar outra vez a mudar de escola, e então o meu Pai disse: “vens cá para Sintra também. Tens aqui o... ou seja, o meu primo que é sobrinho da minha madrasta e é como se fosse meu primo. Tens aqui ele, ele é daquela escola, tens aqui o filho dela, da minha madrasta que também está aqui nesta escola, e prontos, já foi mais fácil. Eu quando chegava a casa tinha o apoio dele. Quando precisava de alguma coisa.

Eles eram mais velhos?

O filho da minha madrasta andava um ano atrás e o sobrinho dela andava um ano à frente.

Tinha então apoio, caso fosse necessário...

Era, já era outra coisa. Chegava a casa e ela ajudava-me: “então como foi a escola?, ou assim. Então precisas de ajuda?” Estava a fazer os trabalhos de casa e ela ajudava. “Não sei isto, ah isto é assim, assim, assim, já não me lembro, mas... E depois também a

minha casa, a casa da minha madrasta e num prédio, é num 4º andar, num 4º esquerdo e a casa do meu primo é no 4º direito, no mesmo prédio. É só dois passos. Ir lá: “Ah não sabes, vais aqui a ele que já deve saber, ou assim. Prontos, já era outra coisa.

Passas para o teu Pai e ganhas apoio das pessoas que o rodeiam...

Sim, o meu Pai já chega um bocadinho tarde.

O que faz o teu Pai?

É, pronto, é dono de uma Empresa, de uma imobiliária.

Qual é a escolaridade dele?

Acho que é o nono.

E a tua Mãe?

11º ou 12º.

E o que é que ela faz?

Trabalha com o meu Pai. É muita confusão.

E a tua madrasta?

Ela tem uma Empresa, de que é gerente ou sócia, sócia-gerente contabilista. Tem uma Empresa de contabilidade.

E qual é o grau de escolaridade dela?

Dela já não sei.

Vens cá fazer o 6º ano e depois o 7º? Porque razão foste para uma turma de currículo? Foste tu que escolheste?

Porque ia começar um novo currículo alternativo, eles, pronto, aqueles alunos mais, por exemplo, mais problemáticos ou assim, com mais idade, com risco de... de, por exemplo, aos quinze anos ou assim..., pronto, deixarem andar até que têm que sair mesmo, pronto, agora no currículo é mais fácil. Não é mais fácil, é que têm mais paciência, meteram-nos todos os que quiseram.

Foste tu que quiseste?

Foi o meu Pai que me pôs.

Mas falou contigo e tu aceitaste?

(O aluno fez o sinal de afirmação com a cabeça).

O que é que tu achas de diferente entre estes dois anos de currículo, com o 5º e o 6º anos, em que estavas em “escola normal”?

A diferença é que nas aulas normais são, por exemplo, vinte ou trinta e na nossa turma são dezasseis. Por exemplo, se eu perguntar uma coisa a uma professora, ela se calhar não dá, explica-me, está ali um tempinho, agora faz isto e isto. Por exemplo numa sala com 20 ou 30 alunos ela não vai a qualquer lugar, até eles todos. Pode explicar a um ou dois, mas a todos não vai lá um a um.

E mais, que diferenças é que tu notas em relação aos “profs”?

Numa aula normal, a Professora se calhar limita-se a explicar uma vez. “stora não percebi!” “Olha vai estudar”, ou assim. Ali não, pronto, “não percebeste? O que é que

não percebeste?” Essa parte aí do raciocínio e tal e ela: “OK, então vamos voltar atrás”, ela explica novamente.

“Professora, não percebi”. “Então agora faz assim, desta maneira, faz com estes objectos ou assim, e lá eu consigo aprender.

E mais? É só o professor ter mais paciência para explicar? Não achas que há da parte dos professores mais tolerância, é mais acessível do que quando é uma turma de 30?

Pois, acho que nós nos sentimos mais à vontade. Com os professores que nos dão mais atenção, são mais divertidos, conseguem brincar ou assim, do que por exemplo uma turma de... por exemplo na minha turma eu consigo mandar uma piada e toda a gente se ri. Por exemplo, numa turma de 20 ou 30 se calhar já não é a mesma coisa, a “stora” agora vamos trabalhar, tu fazes isto, tu fazes aquilo, já não dá tanta atenção. É isso.

A tua namorada está a fazer o nono. Daqui a uns dias está a fazer exames nacionais, ela portanto nunca repetiu. Quando é que tu a conheceste?

Fim do 7º.

O que é que tu pensas desse namoro, ao nível da escola?

Fez-me bem. Por exemplo, eu mesmo estando no currículo às vezes portava-me mal ou assim, ia para a rua. Ela dizia-me: “OK, foste para a rua, para a próxima tenta não ir. Tenta fazer melhor”, ou assim. É a tal coisa, ajudava-me e isso. Vamos fazer isto, vamos fazer aquilo.

Portanto tu sentes nela um apoio e um incentivo para trabalhar e para a seguires, uma vez que ela está um ano à tua frente.

E também é assim: os pais dela são um bocadinho exigentes, e ela diz-me sempre: ah, não sei quê... “vê lá se tiras melhores notas”, ou assim. “Queres que eu te ajude? Olha, se tiras más notas os meus pais nunca mais me deixam te ver”, ou assim. E eu lá tenho que me esforçar mais para tirar melhores notas, ou assim.

Portanto é uma forma de ...

Incentivar.

E tu gostas?

(O aluno fez com a cabeça sinal de afirmação).

E o teu Pai, a tua madrasta e a tua Mãe, também te incentivam? Ou gostas mais do incentivo da tua namorada?

Gosto mais do incentivo dela.

Os teus pais incentivam-te?

Sim, a minha madrasta é quem me incentiva mais.

Como é que estão as tuas notas? Como são as tuas expectativas para o futuro?

Eu queria tirar medicina veterinária, mas a psicóloga já disse que a média é 15 ou 16 e é muito alta. E então como eu até percebo de computadores, vou tirar informática.

Até que ano de escolaridade tu gostavas de ir?

Até ao 12º ano, ou mais.

E a Faculdade?

Ainda falta algum tempo.

Vou-te pedir para deixares uma pequena mensagem que pudesse ajudar alunos que têm um percurso parecido com o teu, que estão neste momento quase a reprovarem.

Existe sempre uma esperança.

Joana, 18 anos, CEF

Como tem corrido a Escola, este ano?

A Escola tem corrido bem, nestes últimos dois anos. Como já tinha 15 anos vim para os C. E. Fs. Gosto mais porque é mais fácil, os professores não distinguem tanto os alunos, são mais simpáticos e a matéria é mais fácil e há mais aulas práticas do que teóricas.

Quais os anos que reprovaste e a que se deveu?

Na Escola Primária reprovei no 3º ano, depois no 6º ano e no 8º. Reprovi no 6º ano porque não estava interessada na Escola e não quis saber. Como no 1º período tive boas notas e não estudava, achava que se consegui no 1º período, também ia conseguir nos períodos seguintes. A Escola não me dizia nada. Nunca gostei da Escola. Só gostei da Escola no 1º ano, quando aprendi a ler e a escrever. Depois desinteressei-me.

No 8º ano não consegui passar porque tinha muitas negativas, não estudava e andava sempre na brincadeira com uma amiga. E não conseguia ter positiva a Português porque a Professora “desinteressou-se de mim”, dava mais atenção aos que tinham notas positivas, não apreciava os meus trabalhos, eu apercebi-me e desinteressei-me da disciplina. Mas até gostava de Português, porque é a minha língua.

A turma e os colegas tiveram alguma influência?

Sim, no 8º ano. A minha turma era de grupos: o das boas notas, o das “escurinhas”, o dos rapazes e eu e a minha amiga. Mas a turma rejeitava-me e não à minha amiga.

Porquê? Seria pelas tuas notas?

Não, ela era como eu a nível das notas. Eles gozavam comigo e eu chorava.

Nunca falaste com a Directora de Turma sobre isso?

Sim, falei. Ela falou com a turma, mas eles continuavam. A D. T. não podia fazer mais nada.

Os teus Pais, Enc. de Educação, vinham à escola?

A Encarregada de Educação é a minha Mãe e sempre veio à escola.

Em casa falava-se da Escola?

A minha Mãe falava muito da Escola e verificava-me a caderneta.

Em relação às tuas reprovações, como reagia a tua Mãe?

A minha Mãe punha-me de castigo e dizia que eu não me esforçava o suficiente. Eu tentava melhorar, mas depois desistia. Ninguém me ajudava. Os meus pais não tinham estudos para isso.

Quais as profissões dos teus pais?

A minha Mãe é empregada doméstica e o meu Pai é pedreiro.

Estudaram até que ano?

Não sei. Penso que até à 4ª classe.

Quando tinhas dúvidas a quem recorrias?

Algumas tirava com os professores com quem me sentia mais à vontade. Outras vezes não tirava porque tinha medo dos professores.

Medo dos professores?

Sim, alguns metiam-me medo. Gritavam comigo e nada do que eu fazia estava bem.

O que é para ti o professor ideal?

Para mim o professor ideal é aquele que não distingue os alunos, que não grita – a não ser que seja preciso – e que não embirra.

Em relação ao teu futuro, quais as expectativas dos teus pais?

Os meus pais desejam que o meu futuro seja melhor que a vida deles. Dizem para eu estudar e não desistir daquilo que quero ser.

Que queres ser?

Quero tirar o curso de Hotelaria.

As tuas reprovações devem-se a quê?

A mim, porque não estudava, não me interessava a Escola, minimamente. Aos professores, que faziam distinção entre alunos, o que em relação a mim começou cedo. E à turma/colegas que muitas vezes põe de parte alguns colegas.

Tens irmãos? Que conselhos lhes darias?

Tenho uma irmã, ainda na escola do 1º ciclo. Falava com ela, explicava-lhe o que eu tinha passado e o quanto estava arrependida de não ter estudado, porque podia estar a acabar a Escola. Abria-lhe os olhos.

Olhando para trás, o que pensas hoje sobre a tua vida escolar?

Fui parva, porque deveria ter aproveitado, era mais nova. Já podia estar a acabar a Escola, já tinha tempo para as minhas coisas (tirar a carta de condução, estar com os amigos, sem ser na Escola), e os horários seriam diferentes. Hoje dava o máximo dos máximos para passar todos os anos.

Que mensagem deixarias aos teus colegas?

Para tentarem alcançar os seus sonhos e para estudarem. Quanto mais depressa acabarem a Escola, mais cedo alcançam os seus desejos.

Miguel, 17 anos, TCA

Como está a tua escola, actualmente?

Actualmente vai bem, mas poderia estar melhor se eu estudasse mais.

E a nível de comportamento?

O comportamento, em certas aulas, está a melhorar. Noutras, dizem que está a piorar. Mas eu acho que está igual, está sempre igual...

Por que razão numas está a melhorar e noutras a piorar?

Isso agora é que eu já não sei. Há professores que se queixam agora do meu comportamento e outros que dizem que estou a melhorar, mas eu não vejo diferenças.

Então o teu comportamento é igual para todos os professores?

Sim.

Uns é que acham que estás bem e outros não?

Sim.

Há quantos anos estás nesta escola?

Cinco/seis anos.

Quais foram os anos em que tu reprovaste?

Reprovei uma vez no 4º e duas no 7º.

Então só conseguiste fazer o 7º ano à terceira?

Sim.

Essas tuas reprovações no 7º ano e no 4º ano, porque é que isso aconteceu?

Essencialmente no 7º ano foi mesmo o comportamento. Era bastante irrequieto, não parava quieto, portava-me mesmo muito mal.

O que é isso de mesmo muito mal?

Era mesmo uma peste.

O que é uma peste? O que é ser uma peste?

Não estava quieto. Ou estava a fazer mal aos outros ou estava a mandar bocas para o ar. A aula não avançava mesmo, quando eu estava dentro da sala. Era mesmo pura estupidez.

Isso foi da primeira vez do 7º ano ou foi...?

Foi da primeira. Da segunda melhorei...mas mesmo assim, reprovei.

E no teu 4º ano?

No 4º ano dizem, já não me lembro bem, dizem que eu era muito mal comportado.

A tua família vinha à escola, ou não?

Vinha e continua a vir.

E não conseguia alterar esse teu mau comportamento?

Conseguia mas...durante muito pouco tempo. Mesmo com castigos eu continuava.

Então os teus pais, nomeadamente a tua Encarregada de Educação, que é a tua Mãe, vinha às reuniões e estava a par das coisas, falava contigo e passado algum tempo, estavas igual?

Estava igual.

E em casa perguntavam-te pela escola, pelos T. P. C. ou não?

Sim. Agora faço-os, mas antes dizia que não tinha, ou que já os tinha feito.

E eles acreditavam?

Nem sempre, muitas vezes iam-me ver os cadernos.

E depois?

Depois, castigos. Se tivesse a mentir, castigo.

Nessa altura quando não percebias uma matéria o que é que tu fazias?

Às vezes pedia para ir para o pé de colegas para me ensinarem. Outras vezes tentava perceber em casa. Tinha um amigo meu que andava no mesmo ano que eu e que era meu vizinho. Ele era bom aluno e às vezes pedia a ele para explicar. Outras vezes pedia à minha tia, também. Pedia lá em casa.

Pedias sempre ajuda. E actualmente?

Agora já não peço. Agora apanho tudo na aula.

Mas quando tens necessidade, a quem pedes ajuda?

Lá em casa, se estiver com dificuldades em fazer um trabalho de casa e se estiver mesmo em casa, peço lá em casa. Se não, peço cá na escola, pergunto aos meus colegas. Mas não, não é preciso.

Quais são os motivos das tuas reprovações?

Mesmo portava-me mal, não era disciplinado.

Portanto mau comportamento. E mais?

Depois nunca estava atento nas aulas, acabava sempre por tirar negativas.

Com a falta de estudo, não estudavas nada?

Não.

Para ti, nessa altura, a escola era um lugar de divertimento.

Nessa altura, era.

Nessa altura como era a tua relação com os professores, com os colegas, com a turma, com a própria escola, como é que era?

Nunca fui...nunca tive atritos, com nenhum professor em especial, com os colegas dava-me bem, era só mesmo por não querer saber.

Não era pela questão do professor...

Não, eu até tinha excelentes professores, que me ajudavam bastante.

Porque é que dizes isso?

Porque... apesar de toda a gente saber que eu não ia passar, mesmo assim os professores teimavam em me ajudar.

Então achas que os professores até se interessavam por ti?

Sim, porque eu cheguei a estar em turmas em que pessoas...no mesmo caso do que eu, eram para esquecer, chamam o "stor" e faziam de conta que não ouviam.

Então os professores tinham um certo investimento em ti? Queriam que tu passasses?

Sim, eu é que não estava a fim.

O que é que os "profs" te faziam para te ajudar?

Tiravam-me dúvidas, mesmo quando eu não estava atento nas aulas.

Portanto estavam a investir em ti e tu não percebias isso?

Perceber, percebia, tinha a noção disso, mas eu não queria mesmo escola.

Por que razão é que tu não querias mesmo escola?

Talvez por influência de más companhias.

Que companhias, da turma ou lá de fora?

Lá de fora.

O que é que esses teus amigos, se eram mais ou menos da tua idade, o que é que eles te faziam para tu... o que é que eles te diziam para tu não teres interesse pela escola?

Faziam... só que eles não iam para a escola, iam sempre fazer qualquer coisa que achavam interessante. Eu por acaso não me baldava, mas muitas das vezes vinha para a rua para poder saltar as grades para....

Então vinhas para a escola, fazias coisas para provocar o prof para te meter na rua e para depois poderes saltar as grades e ir embora?

Muitas vezes, sim.

Então depois faltavas às outras aulas?

Não, voltava sempre. Porque eu normalmente ia sempre no princípio das aulas para a rua.

Então e essas companhias, já as largaste?

Já, felizmente já.

Que conselho é que darias a um colega teu que estivesse assim na mesma situação que tu?

Para pensar duas vezes, para não ser parvo, porque a escola é que dá futuro, não é a rua.

O que é que tu achas que há de diferente entre esses dois 7º anos em que tu reprovaste e este ano? O que é que achas de diferente em relação à família, aos professores, aos colegas, à turma? Que diferenças é que tu achas?

Diferenças há. Eu porto-me melhor, tenho melhores notas, é lógico que os professores vão apostar mais em mim.

E a tua família?

Também já confia em mim.

E os teus colegas, e a turma?

Também. Ajudam-me... os colegas não mudou muito porque... alguns já eu os conhecia antes de vir para cá... e aquilo foi uma coisa muito igual.

Alguns colegas que tu tinhas no 7º ano vieram contigo para o 8º ano? Portanto não é uma turma nova?

Totalmente não. Alguns já conhecia daqui da escola.

Quais as tuas expectativas para o futuro?

Continuar a estudar e sair daqui no 9º ano. Vou continuar a estudar até ao 12º ano. Aos 18/19 vou para a tropa e vou lá ficar.

Vais querer seguir a carreira militar?

Sim.

E os teus pais o que é que eles ambicionam para ti?

Eles acham boa ideia eu querer ser militar.

Apoiam-te a 100%?

Sim.

Tens irmãos na escola?

Não.

Achas que vais conseguir? Porquê?

Consigo, porque é o que eu quero mesmo.

Portanto o que vais fazer?

Eu vou estudar e conseguir passar os anos todos que puder. Vou-me empenhar a sério para conseguir lá chegar. Depois quando eu entrar para a tropa vou ter que tar lá para a escola lá da tropa... o ensino militar que é para conseguir ser general.

Desculpa, é mera curiosidade, e qual era o ramo que tu gostarias de seguir?

Qualquer um, Força Aérea ou Marinha para mim está bom, desde que esteja lá dentro.

Se neste momento te pedisse para ir a uma turma onde haja alunos como tu eras, para lhes deixares uma mensagem, que mensagem deixarias a esses alunos que por vezes têm esse comportamento que tu hoje em dia vês que está errado e que não leva a nada?

Não sei... sei lá. Para pensarem melhor porque isto só nos prejudica a nós, porque os professores já têm os cursos tirados, não vale de nada estar a prejudicar as aulas deles,

eles continuam a receber os ordenados deles. Nós é que nos prejudicamos, nós é que ficamos para trás. Nós é que mais tarde vamos ter mais dificuldade em emprego por termos mais anos repetidos. Vamos ser mais velhos e... hoje em dia querem pessoas novas para trabalhar.

O que é que tu achas que um prof poderia fazer, um Director de Turma vê um aluno “nesse estado”? O que é que tu achas que se poderia ter feito para tu não demorares tanto tempo... a "dar a volta"?

Essencialmente não. Se os alunos querem massacrar, deixem massacrar. Não os tirem da sala de aula, tendo em conta há a sala de mediação, no meu tempo não havia... mas não mandar para fora da sala, porque o objectivo da maior parte dos alunos desta escola que massacra os professores é mesmo para sair..., ir para a rua e poder fazer o que quer. Não mandar mesmo para a rua. Se eles querem falar, deixe-os falar; querem atirar borrachas, atirem. O professor não liga mesmo àquele...

Tu achas que aqui na escola a sala de mediação é uma coisa boa?

Sim, para alguns casos, é.